

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**LAÉRCIO RIOS GUIMARÃES**

**O *ETHOS* DISCURSIVO NO DIÁRIO DE SIMONTON:  
UM OLHAR SOBRE OS REGISTROS DA MISSÃO NO BRASIL**

**São Paulo**

**2011**

**LAÉRCIO RIOS GUIMARÃES**

**O *ETHOS* DISCURSIVO NO DIÁRIO DE SIMONTON:  
UM OLHAR SOBRE OS REGISTROS DA MISSÃO NO BRASIL**

**Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
Comunicação e Letras.**

**Orientadora: Dra. Neusa Maria O. Barbosa Bastos**

**São Paulo  
2011**

V486a    Guimarães, Laércio Rios  
          O Ethos discursivo no diário de Simonton: um olhar sobre  
          os registros da missão no Brasil / Laércio Rios Guimarães -  
          São Paulo, 2011  
          101 f. ; 30 cm

          Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade  
          Presbiteriana Mackenzie, 2011.  
          Referências bibliográficas: f. 93-94.

          1. Ethos. 2. Caráter. 3. Comportamento. 4. Corporalidade.  
          5. Enunciador. 6. Diário. I. Título.

CDD 401.41

**LAÉRCIO RIOS GUIMARÃES**

**O *ETHOS* DISCURSIVO NO DIÁRIO DE SIMONTON:  
UM OLHAR SOBRE OS REGISTROS DA MISSÃO NO BRASIL**

**Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
Comunicação e Letras.**

**Aprovada em**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Neusa Maria O. Barbosa Bastos  
Universidade Presbiteriana Mackenzie**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lúcia Trevisan Pelegrino  
Universidade Presbiteriana Mackenzie**

---

**Prof. Dr. Carlos Augusto B. Andrade  
Universidade Cruzeiro do Sul**

**São Paulo**

**2011**

Para Patrícia, minha amada esposa; meus filhos Felipe e Rebeca; a Dalva, minha querida mãe; meus irmãos; a minha sogra Izabel; meus cunhados e meus sobrinhos. Em especial, à memória de Nei Araujo Bacellar, dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que é o dono de todo o conhecimento e sabedoria, que permitiu a realização deste trabalho, dando-me força e ânimo em todos os momentos.

À minha família, de quem obtive todo o apoio e estímulo para jamais desistir.

À minha “secretária particular”, companheira, e fiel esposa Patrícia por suas horas de sono perdidas ao meu lado.

À minha irmã Martha Rios Guimarães pelas primeiras impressões e apontamentos na leitura de meu trabalho.

À Sra. Elizabeth Bacellar e suas filhas Eleonora, Mara, Márcia e Maria Elizabeth pelas orações e carinho.

À Igreja Presbiteriana do Parque São Domingos e seus presbíteros, por participarem da realização deste sonho pessoal, cedendo parte do meu tempo de trabalho e da minha presença.

À Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos pela orientação, dedicação, e paciência, colocando seus conhecimentos à disposição e gastando boa parte do seu tempo durante o desenvolvimento deste trabalho.

À Dra. Ana Lúcia Trevisan Pelegrino e ao Dr. Carlos Augusto B. Andrade pelas valiosas sugestões e comentários, que enriqueceram meu texto.

À Isabela Siqueira por sua amizade, empenho e trabalho na revisão final.

Aos colegas do curso de Pós-Graduação, pela sincera amizade.

A todos que de qualquer outra forma contribuíram, meu profundo agradecimento.

Quase toda a suma de nossa sabedoria, que deveras se deva ter por verdadeira e sólida sabedoria, consiste em dois pontos: a saber, no conhecimento em que o homem deve ter de Deus, e no conhecimento que deve ter de si mesmo. (João Calvino)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o *ethos* discursivo do enunciador tendo como corpus o texto de *O Diário de Simonton*, concentrando-se no período de registro após sua chegada ao Brasil. Analisa recortes que tratam do seu contato com o campo missionário, da sua visão abolicionista e de seu papel como missionário. Relata, brevemente, as raízes históricas do presbiterianismo, bem como da vida de Simonton, baseando-se em Cerni (1992), Ferreira (1992), Matos (2004) e Ribeiro (1981). Propõe a análise do *ethos* a partir do caráter, comportamento e corporalidade presentes no discurso - referenciais teóricos de Maingueneau (1997, 2000), apresentado o surgimento da idéia do *ethos* em Aristóteles e outras idéias sobre o tema encontradas em Charaudeau (2006). Apresenta breve relato sobre o diário como gênero discursivo e como isso pode ser importante na construção do *ethos* do enunciador. Conclui, mostrando que é possível delinear-se um *ethos* do enunciador - mesmo sendo o *corpus* um gênero diário -, e que, pelo discurso, há a legitimação perante o enunciatário que confirma o *ethos* prévio.

Palavras-Chave: *Ethos*; Caráter; Comportamento; Corporalidade; Enunciador; Diário.



## ABSTRACT

This work is intended to present the discursive *ethos* of the enunciator based on the text of *O Diário de Simonton* ("Simonton's Journal"), focusing only in the period as from his arrival in Brazil. It analyzes from the Journal excerpts dealing with his first contact with the missionary field; his abolitionist view and his role as a missionary. It briefly tells about the historical background of Presbyterianism, as well as about Simonton's life, according to Cerni (1992), Ferreira (1992), Matos (2004) e Ribeiro (1981). This work also provides an analysis of the *ethos* from aspects such as character, behavior and corporality present in the discourse – theory references of Maingueneau (1997, 2000), presenting the origins of the *ethos* concept in Aristotle and other ideas on the theme found in Charaudeau (2006). It briefly presents the concept of the journal as a discursive gender and how that can be important in constructing the *ethos* of the enunciator. It is concluded by showing how it is possible to define the *ethos* of the enunciator – even if the *corpus* is a journal – and through the discourse, the previous *ethos* is confirmed by the one who receives the enunciator's *ethos*.

Keywords: *Ethos*; Character; Behavior; Corporality; Enunciator; Journal.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>CAP I - CONTEXTUALIZANDO O SUJEITO: SIMONTON.....</b>	<b>14</b>
1.1. Breve Histórico da Formação da Igreja Presbiteriana.....	14
1.2. Simonton e a Igreja Presbiteriana.....	18
1.3. O Diário de Simonton.....	27
<b>CAP II - UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>29</b>
2.1. <i>Ethos</i> Aristotélico.....	31
2.2. <i>Ethos</i> em Maingueneau.....	33
2.3. <i>Ethos</i> em Charaudeau.....	37
2.3.1. Tipos de <i>Ethos</i> .....	40
2.4. O Gênero Diário enquanto Gênero Discursivo.....	42
<b>CAP III - ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> NO DIÁRIO DE SIMONTON... </b>	<b>47</b>
<b>3.1. Contato com o Campo Missionário Brasileiro.....</b>	<b>48</b>
3.1.1. Comportamento.....	48
3.1.2. Corporalidade.....	53
3.1.3. Caráter.....	53
3.1.4. Cena.....	56
3.1.5. Cenografia.....	61
<b>3.2. Visão sobre a Escravidão.....</b>	<b>64</b>
3.2.1. Comportamento.....	64
3.2.2. Caráter.....	66
3.2.3. Cena.....	67
<b>3.3. Missionário.....</b>	<b>70</b>
3.3.1. Comportamento.....	70
3.3.2. Caráter.....	76
3.2.3. Cena .....	82
3.2.4. Cenografia.....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO... ..</b>	<b>95</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem por objetivo analisar o *ethos* discursivo, tendo como *corpus* o texto do *Diário de Simonton*, de autoria do missionário americano Ashbel Green Simonton que deu início aos trabalhos da Igreja Presbiteriana do Brasil, delimitando-se ao período de sua chegada ao país em 12 de agosto de 1859 até o último registro em 31 de dezembro de 1866, e está situado na linha de pesquisa de Procedimentos de Constituição dos Sentidos do discurso e do texto do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A relevância da pesquisa se dá em primeiro lugar pelo aspecto histórico - no ano de 2009, relembrou-se e comemorou-se os 150 anos da chegada do missionário Simonton ao Brasil. Em segunda lugar, não foi encontrado (tanto em publicações, como na internet) qualquer trabalho abrangendo estudos de análise do discurso e, mais especificamente, o aspecto do *ethos* discursivo presente no enunciador do *Diário*. Em terceiro lugar, poucos trabalhos têm analisado este tipo de gênero (diário), o que pode contribuir para o entendimento da análise do discurso em autobiografias e diários. Em último lugar, torna-se desafiador apresentar um *ethos* em um diário quando, originalmente, o sujeito que se apresenta não se preocupava com a figura de um fiador, pois a primeira idéia de alguém que faz estes registros não é a de possuir outro que se aproprie de sua imagem – contudo, a partir do momento em que ele se torna público na história, passa também a existir a figura do “tu” e um *ethos*. Diante do que, levantou-se a pergunta de pesquisa: *qual o ethos discursivo do enunciador no corpus “O Diário de Simonton”*. Para respondê-la, traçamos os seguintes objetivos:

## 1) Geral

Observar o *ethos* discursivo de Simonton no *corpus* apresentado.

## 2) Específicos

2.1. Refletir sobre a Vida de Simonton apresentada no *corpus* a fim de identificar o *ethos*.

2.2. Identificar o *ethos* através da análise do Comportamento, da Corporalidade, do Caráter e da Cenografia presentes no discurso do *Diário de Simonton*.

Para atingirmos os objetivos propostos, utilizaremos conceitos da teoria do discurso estabelecidos por MAINGUENEAU (1997), tais como o *caráter*, *corporalidade* e *comportamento* do enunciador que culminam na legitimação do discurso. Também em MAINGUENEAU (2000) trabalhamos o conceito da análise do discurso como a articulação do enunciado, feito em um certo lugar social, o que está estreitamente relacionado à construção do *ethos*, a saber, da imagem do enunciador. Em AMOSSY (2008), apresenta-se a idéia de que a palavra tomada pelo enunciador constrói a imagem de si – sem que tenha que falar explicitamente de si – por meio de seu estilo, suas competências linguísticas, enciclopédicas e crenças implícitas. MOTTA e SALGADO (2008) apontam, em diversos artigos, maneiras de se identificar os modos de dizer no discurso, as quais auxiliam na compreensão e na interpretação dos fenômenos discursivos. Finalmente, CHARAUDEAU traz ferramentas

importantes sobre o *ethos*, classificando-o em diversos tipos e relacionando-o com o discurso.

Além desses autores, buscaremos auxílio em ORLANDI (1999); GUIMARÃES (2008); MAZIÉRE (2008) e BRANDÃO (1991) que contribuem e fortalecem os referenciais teóricos da AD e, conseqüentemente, colaboram para a formação da imagem (*ethos*) do enunciador dentro da obra base do presente trabalho.

Com o foco em realizar uma pesquisa teórico-prática, por meio de material bibliográfico para a definição e a delimitação do *ethos* discursivo, apresentaremos neste trabalho o próprio *Diário de Simonton* compondo os seguintes capítulos:

O Capítulo I “Contextualizando o Sujeito: Simonton” sendo a base da identificação do *ethos*, abordando os aspectos da vida e história de Simonton os quais contribuem para a formação do *ethos* discursivo e, posteriormente, para a sua análise.

O Capítulo II “Um Olhar sobre a Análise do Discurso” em que se apresenta os fundamentos do *ethos*, tratando do aspecto teórico deste trabalho tendo como base os autores referenciais apresentados acima.

O Capítulo III “Análise da Construção do *Ethos* no Diário de Simonton” analisa os recortes do corpus, a partir dos referenciais teóricos, limitando-se tais recortes às anotações da obra a partir da sua chegada ao Brasil.

Ao final deste trabalho, apresenta-se as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

## **CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO O SUJEITO: SIMONTON**

### **1.1. Breve Histórico da Formação da Igreja Presbiteriana**

Ashbel Green Simonton foi missionário enviado ao Brasil pela PCA (Igreja Presbiteriana da América). É importante entendermos as raízes desta igreja desde sua ruptura com a Igreja Católica Romana durante evento histórico conhecido como Reforma Protestante. É comum associar esse evento com o Reformador Martinho Lutero e delimitá-lo à Alemanha. No entanto, a igreja presbiteriana, tem sua origem doutrinária e eclesiológica (sistema de governo da igreja) na Suíça por meio de dois reformadores: Ulrich Zwinglio, no cantão (divisão administrativa e geopolítica, semelhantes a Estados de uma Federação) de Zurique, e João Calvino, no cantão de Genebra, sendo este último quem mais influenciou no surgimento do presbiterianismo.

De acordo com CERNI (1992), Zwinglio nasceu em 1484 e foi ordenado sacerdote católico romano em cerca de 1508, sendo chamado para exercer o sacerdócio em 1518 na cidade de Zurique. Tornou-se admirador de Erasmo de Roterdam e Tomás de Wyttenbach, sendo esse último seu grande mestre. Influenciado pelos pensamentos destes dois, Zwinglio rompeu com diversos pensamentos da Igreja Católica, entre eles a proibição do matrimônio para os clérigos e o impedimento da instrução religiosa ao povo. Zwinglio morreu em 1531 durante a batalha de Kappel.

João Calvino era francês e nasceu Noyon em 1 de julho de 1509 (CERNI, 1992, p. 52). Era filho de um advogado que tinha relacionamento especial com o alto clero de seu distrito. Em virtude disso, Calvino gozou de refinada educação em sua juventude, tendo sido enviado a Paris a fim de estudar Teologia. Porém, foi obrigado a interromper seus estudos de Teologia devido a desentendimento que seu pai teve com a Igreja Católica. Passou, então, a estudar Direito em Orleans e Bourges. Já nesta época as idéias luteranas começaram a influenciá-lo. Não se sabe ao certo o momento de sua conversão ao Cristianismo, mas sabe-se que, em 1535, Calvino teve que fugir de Paris sob acusação de heresia, buscando refúgio em Basileia. Depois de passar algum tempo na Itália, foi para Estrasburgo com o fim de dedicar-se a uma vida de estudos. Nessa ocasião, ao fazer uma rápida parada em Genebra, foi compelido por Guilherme Farel a ficar ali para ajudar no desenvolvimento da reforma religiosa. Foi convencido quando ouviu a frase: “Que Deus amaldiçoe seus estudos se agora, quando a igreja o necessita, lhe negas a tua ajuda”. Permanecendo na cidade suíça, começou como professor, para em breve se tornar o principal pastor da comunidade local. A espinha dorsal de sua doutrina era a total soberania de Deus. Em 1538, em virtude de desentendimentos com o Conselho de Genebra, foi obrigado a se retirar, juntamente com Farel. Em 1541, foi chamado de volta e executou várias reformas tanto religiosas quanto também civis (MATOS, acesso em 18/04/2011).

De Genebra, na Suíça, os pensamentos de Calvino chegaram até as Ilhas Britânicas:

Especialmente importante para a fé reformada foi a sua introdução nas Ilhas Britânicas. Nessa região é que surgiu o outro nome histórico associado ao movimento: “presbiterianismo.” Esse nome



tinha ao mesmo tempo conotações teológicas e políticas. Os reis ingleses e escoceses eram firmes partidários do episcopalismo, ou seja, de uma igreja governada por bispos. Como esses bispos eram nomeados pela coroa, esse sistema favorecia o controle da igreja pelo estado. Assim sendo, a insistência dos reformados da Escócia e Inglaterra em uma igreja governada por presbíteros, eleitos pelas congregações e reunidos em concílios, era uma reivindicação de independência da igreja em relação ao poder público. Tal foi a origem histórica do termo “presbiteriano” ou “igreja presbiteriana.” (MATOS, acesso em 18/04/2011)

Nas Ilhas Britânicas, George Wishart levou o protestantismo reformado para a Escócia, onde morreu queimado na fogueira em 1546 (CERNI, 1992, p. 75). Em seguida, a doutrina reformada ganhou novo fôlego com o principal difusor dos seus ensinamentos, John Knox, que havia passado alguns anos estudando em Genebra junto a Calvino. Em 1560, já sob a influência do governo da Inglaterra – que era simpático ao protestantismo –, John Knox instituiu a *Confissão de Fé Professada e Crida pelos Protestantes do Reino da Escócia*, de forte tendência calvinista, e o *Primeiro Livro de Disciplina* que dava à Igreja Protestante da Escócia a forma presbiteriana de governo da igreja. Ao mesmo tempo, o Parlamento do país aboliu o catolicismo e adotou a fé Reformada como religião oficial (MATOS, acesso em 18/04/2011).

Não tardou para que o sistema presbiteriano chegasse até a Irlanda em 1606. O governo inglês, na tentativa de dominar o território, implantou comunidades inglesas e escocesas nas regiões ao norte que haviam sido devastadas pela guerra. Ali, juntamente com os imigrantes escoceses, juntaram-se cristãos puritanos ingleses e huguenotes franceses. A Irlanda passou a conviver com uma separação étnica entre os novos moradores e os irlandeses do sul que seguiam a linha católica. Como resultado da violência sofrida, da perseguição por parte do governo inglês e das calamidades naturais pelas quais passaram, a partir de 1715 vários

presbiterianos migraram para os Estados Unidos. Calcula-se que pelo menos 250 mil moradores da região norte da Irlanda tenham se mudado para os EUA até 1775. (cf. MATOS, acesso em 18/04/2011).

Por este tempo, os EUA já contavam com cristãos de fé reformada (calvinista). Na verdade, o calvinismo havia chegado à América do Norte com os puritanos da Inglaterra que se estabeleceram em Massachusetts no início do século XVII. Todavia, esse grupo adotou a forma de governo congregacional preterindo o sistema presbiteriano (MATOS, acesso em 18/04/2011).

Foi do continente Europeu que vieram os primeiros calvinistas que adotariam a forma presbiteriana de governo. Os holandeses, primeiramente, acabaram fundando a atual cidade de Nova York em 1623. Depois disso, muitos Huguenotes franceses foram para os EUA, em fuga à perseguição religiosa em sua terra natal. Também, um grande número de reformados alemães saiu da Alemanha chegando aos Estados Unidos entre 1700 e 1770. Esses imigrantes formaram diversas denominações e, anos depois, muitos acabaram ingressando na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (MATOS, acesso em 18/04/2011).

Mesmo com esta base já existente nos EUA, os já citados imigrantes irlandeses (também conhecidos como “escoseses-irlandeses”) foram os responsáveis pela introdução do presbiterianismo naquele país. Radicados principalmente em Nova Jersey, Pensilvânia, Maryland, entre outros, eles fundaram a cidade de Pittsburg conhecida durante muitos anos como a cidade mais

presbiteriana dos EUA. Simonton era descendente desses imigrantes vindos da Irlanda (MATOS, acesso em 18/04/2011).

## **1.2. Simonton e a Igreja Presbiteriana**

Conhecendo as raízes do presbiterianismo na pátria do missionário Ashbel Green Simonton, passemos à contextualização da vida do enunciador no “Diário de Simonton”.

Nascido em 20 de janeiro de 1833, em West Hanover, Condado de Dauphin, no sul da Pensilvânia, recebeu este nome em homenagem ao Rev. Ashbel Green, líder presbiteriano e presidente do Colégio de Nova Jersey – que se tornaria a Universidade de Princeton (MATOS, 2002, p. 8). Filho caçula de William Simonton (médico, político e presbiteriano) e Martha Davis Snodgrass (filha do pastor James Snodgrass que pastoreou durante 58 anos uma igreja presbiteriana daquela região), era o caçula de um total de nove filhos (três mulheres e seis homens).

Em 1846, Simonton mudou-se com sua família para Harrisburg, em virtude das mortes do avô materno e do seu pai. Depois de concluir os estudos secundários, ingressa no Colégio de Nova Jersey, em Princeton (colégio fundado pelos presbiterianos em 1746). Concluiu os estudos superiores em 1852, e, em seguida, realizou uma longa viagem pelo sul dos Estados Unidos, buscando experiência na área de educação. Nessa época, ele começa a escrever o seu *Diário*, registrando desde o início as suas lutas interiores na área vocacional e sentimental até opiniões sobre temas da época, tais como a escravidão e as tensões já existentes entre o

norte e o sul dos EUA (MATOS, 2004, p. 23). Após dirigir uma academia para meninos (Academy for boys) em Starkville, Mississippi, regressou a Harrisburg em 1854. Ali, depara-se com um conflito interno em relação à sua vocação. Opta, então, pelo estudo do Direito, embora encontrasse dificuldades éticas quanto ao exercício dessa carreira.

O ano de 1855 foi de crucial importância no que diz respeito à sua trajetória vocacional. Simonton começa a se perguntar sobre sua vocação e registra em seu diário, no dia 20 de janeiro: “[...] devo preocupar-me em chegar aos vinte e dois anos e estar vivendo com tão poucos propósitos” (SIMONTON, p. 80). Neste mesmo ano, em virtude do movimento chamado de *avivamento*, ocorrido em sua região, começa a passar por um período de luta interior que acabou culminando na realização de sua profissão de fé na Igreja Presbiteriana Inglesa - prática exigida nas igrejas presbiterianas a fim de que o interessado passe a se tornar um membro delas. A partir dali, resolve assumir os votos realizados pelos próprios pais que o haviam consagrado ao ministério por ocasião do batismo na infância:

Ante a pergunta do Sr. Weir, se não gostaria de ser pregador, reconhece que o fato de ter sido consagrado ao ministério, por ocasião do batismo, exerce sobre ele impressiva influência. Professa a 6 de maio e assume os votos feitos pelos pais. (FERREIRA, 1992, p. 20)

Assim, em junho de 1855, ingressou no Seminário de Princeton. Seu irmão James (quatro anos mais velho) ingressou com ele tornando-se seu colega – Simonton citou várias vezes o nome do irmão no *Diário*.

É no primeiro semestre de estudos no Seminário, em 14 de outubro, que um fato marcou a sua vida: ao ouvir um sermão proferido pelo professor (e escritor) de Teologia, Dr. Charles Hodge, Simonton passa a refletir sobre a obra missionária no exterior. Após participar de reunião e oração e de ouvir relatórios de missionários da Nova Zelândia, o sentimento por esta vocação se intensifica. Depois de um período de férias e de um descanso forçado em virtude de um sério ferimento no joelho que o obrigou a ser operado, o desejo por missões se aprofunda. Com isso, formaliza sua candidatura, em novembro de 1858, diante da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos – onde coloca o Brasil como campo de sua preferência<sup>1</sup>, mesmo contrariando diversas pessoas que julgavam ser melhor sua permanência nos EUA:

Muitas igrejas em que pregara disputavam-lhe os serviços na pátria. Mesmo um de seus professores procurou dissuadi-lo de ir ao estrangeiro: sua carreira como pregador, dizia, garantir-lhe-ia lugar preeminente. [...] Faz estágios com o Rev. W. H. Foot, em Rommey, Va., com vistas à experiência pastoral. As igrejas da região pedem-lhe formalmente que reconsidere a decisão de partir. Queriam-no como pastor. (FERREIRA, 1992, p. 21)

Sem perder tempo, passou imediatamente ao estudo da língua portuguesa em Nova York. Em 14 de abril de 1859 foi ordenado pelo Presbitério de Carlise, embarcando para o Brasil em 18 de junho do mesmo ano e aqui chegando – na antiga capital do Império, o Rio de Janeiro – em 12 de agosto de 1859. Encontraria uma cultura religiosa dominada pelo catolicismo romano - que poucas barreiras colocaria na distribuição de exemplares da Bíblia -, a influência da maçonaria que

---

<sup>1</sup> Apesar de ter pensado inicialmente em Bogotá como seu campo de trabalho. (MATOS, 2004, p. 24)

favorecia as liberdades de consciência e religiosa e a existência do tratado comercial com a Inglaterra que permitia, desde 1810, a construção de capelas pelos estrangeiros para prestarem culto, desde que não possuíssem forma exterior de templos:

O artigo 9º do Tratado de Aliança dispunha: 'Não se tendo até aqui estabelecido, ou reconhecido, no Brasil, a Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, guiado por uma iluminada e liberal política, aproveita a oportunidade que lhe oferece o presente Tratado, para declarar espontaneamente, no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores, que a Inquisição não será, para o futuro, estabelecida no meridionais domínios americanos da coroa de Portugal'. E os Artigos 12 e 23 do Tratado de Comércio e Navegação declaravam, respectivamente: 1º) que os vassallos de S.M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses não seriam 'perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião', e teriam 'perfeita liberdade de consciência', bem como 'licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus, quer dentro de suas casas particulares, quer nas suas particulares igrejas e capelas', sob as únicas condições de que estas externamente se assemelhassem a casas de habitação, e também que o uso dos sinos lhes não fosse permitido 'para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino', e que os vassallos britânicos e quaisquer outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal, não seriam 'perseguidos ou inquietados por matéria de consciência, tanto nas suas pessoas como nas suas propriedades', enquanto se conduzissem 'com ordem, decência e moralidade e de uma maneira conforme aos usos do País e ao seu estabelecimento religioso e político', sendo-lhes vedado, entretanto, pregar ou declamar publicamente contra a religião Católica ou procurar fazer prosélitos ou conversões. (ACCIOLY , apud, RIBEIRO, 1973, P. 17)<sup>2</sup>

Um tratado como este indica que a cultura brasileira já tinha contato com as idéias protestantes. Não se trata das malfadadas tentativas de inserção do protestantismo pelos franceses, sob a liderança de Nicolas Durand de Villegagnon

---

<sup>2</sup> A Constituição de 1824 ratificou este aspecto: "Art. 5º: a religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo" (RIBEIRO, 1973, p. 32)

(1510-1571), com a “França Antártica” entre 1555 e 1560 ou do “Brasil Holandês” de Maurício de Nassau entre 1630 e 1654, pois em ambos os casos nenhum vestígio de protestantismo restou. Eram eventos históricos mais recentes. Em 1824, a primeira “colônia” protestante instala-se em Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro e, naquela localidade, em 3 de maio, realiza-se o primeiro culto evangélico. A partir daí outros núcleos vão se pulverizando pelo país. Com isso, pastores passam a ser enviados para cá, deslumbrando-se a possibilidade não só de distribuição de Bíblias e folhetos, mas de introduzir o culto protestante entre os brasileiros.

Um desses missionários era o Dr. Robert R. Kalley, que chegou ao Brasil em 1855, fugindo de perseguição religiosa contra ele na Ilha da Madeira. Trouxe consigo algumas famílias de seus antigos fiéis, organizando, com eles, a primeira igreja protestante em língua portuguesa – atualmente denominada Igreja Evangélica Fluminense. Simonton teve vários contatos com o médico escocês com quem pôde trocar impressões e opiniões sobre a implantação do protestantismo no Brasil e com quem teve um grave conflito, solucionado de maneira amigável no final:

Minha divergência com o Dr. Kalley chegou a solução final feliz e creio que daquilo que parecia ser mal, e apenas mal, Deus traz e trará bem. No dia 17 [de dezembro] quando o Dr. Kalley veio à cidade, eu o estava esperando na sala do andar superior da casa do Sr. G. Logo depois que entrou e nos cumprimentamos, iniciei a conversa dizendo que ele provavelmente já sabia porque eu queria vê-lo. Como ele não soubesse, eu disse que era para acertar reclamações. (...) Apresentei-as como segue: receber notícias de outros, e com base nelas mostrar a pessoas ressentidas afirmativas que me desmoralizam; aceitar essas notícias sem ouvir-me e sem ouvir qualquer pessoa familiarizada com os fatos; condenar-me perante terceiros; escrever-me uma nota anônima que me chega de quarta mão depois de seu conteúdo já ter sido largamente divulgado. Quanto à matéria das acusações, em primeiro lugar não é de sua alçada; em segundo lugar, o que o senhor afirmou é incorreto em quase todos os detalhes e sua repreensão foi muitíssimo injusta.

Portanto, seu comportamento foi errado em si, com a agravante do modo que escolheu para agir. Estou ofendido como cavalheiro, não simplesmente por sua falta de cortesia, mas porque violou o primeiro princípio do relacionamento honrado; estou ofendido como cristão por sua falta de caridade, ao admitir o mal a meu respeito; estou ofendido como ministro de Cristo, pois, como Deus e minha consciência são testemunhas, estou tentando realizar o trabalho do Senhor, embora eu seja fraco; porque o senhor usou o peso de seu bom nome para desacreditar-me e eliminar minha influência aqui, no campo escolhido de meu trabalho. É dessas coisas que me queixo; não entro no julgamento de seus motivos. (SIMONTON, 2002, p. 134)

Após um período de aprendizado<sup>3</sup>, – em que trocou aulas de inglês e hebraico por aulas de português -, faz sua primeira pregação na língua local em 22 de abril de 1860. Em julho do mesmo ano, passa a contar com a ajuda do Rev. Alexander Blackford e sua esposa Elizabeth (irmã de Simonton). Inicialmente, seu trabalho – junto com o colega de ministério e sua irmã – se deu através da venda de Bíblias e do ensino da língua inglesa aos interessados. No final do ano, Simonton se dirigiu à Província de São Paulo para uma viagem de reconhecimento do campo, passando pela capital e pelas cidades interioranas de Sorocaba, Itapetininga, Itu e Campinas. Ali “fez várias pregações, visitou ingleses e alemães, hospedou-se com liberais, conversou com sacerdotes – um deles se dispõe a ajudá-lo na distribuição da Bíblia - e estabeleceu depósitos de Bíblias” (MATOS, 2004, p. 25).

À medida que o domínio da língua portuguesa se desenvolveu, o missionário passa a iniciar novos projetos. Uma classe bíblica aos domingos à tarde, que iniciou em 19 de maio de 1861, e um culto (ainda em inglês) pela manhã. Em seguida,

---

<sup>3</sup> No início, uma vez que lhe faltava fluência na língua portuguesa, limitou-se a pregar em navios estrangeiros ancorados na Baía de Guanabara e nas residências de estrangeiros (MATOS, 2004, p. 25)



começam a se realizar cultos às quintas-feiras e aos domingos, já em português, o que permitia possuir ouvintes brasileiros e portugueses. Também em 1861, seu irmão James chega ao Brasil, permanecendo aqui durante quatro anos onde se dedicou, principalmente, ao ensino em um colégio - na maior parte do tempo no Colégio Fernandes - na cidade de Vassouras.

Em janeiro de 1862, mais precisamente no dia 12, o jovem missionário organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro juntamente com o Rev. Francis J. C. Schneider, tendo recebido seus dois primeiros membros que, por sinal, não eram brasileiros e sim, respectivamente, um americano e outro português. O primeiro membro brasileiro só seria recebido em 22 de junho do mesmo ano. Neste mesmo dia também foi celebrado, pela primeira vez, o sacramento da Ceia do Senhor.

No mesmo ano, em março, ele antecipa seu *furlough* (misto de férias e divulgação do trabalho) em virtude do estado de saúde de sua mãe (que acabou falecendo durante sua viagem aos Estados Unidos). Encontrou ali o horror da Guerra da Secessão (Guerra Civil ocorrida nos EUA entre 1861 e 1865) que devastava o seu país. Teve a oportunidade de trabalhar por alguns meses na Igreja Presbiteriana de Baltimore, onde conheceu a jovem Helen Murdoch, com a qual se casou em 19 de março de 1863. Voltou para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 16 de julho de 1863 com sua esposa. No mesmo ano, seu cunhado, que até ali trabalhara juntamente com ele na evangelização e missão no Rio de Janeiro, recebe ordens da igreja americana para permanecer em São Paulo, desenvolvendo uma nova base missionária: separam-se, então, Blackford e Simonton, permanecendo esse no Rio de Janeiro.

Porém, um trágico momento de profunda dor marcaria a vida de Simonton: sua esposa Helen – então com 30 anos - falece em 28 de junho de 1864, apenas nove dias após o nascimento de sua filha que, em virtude desse trágico acontecimento, acabou recebendo o mesmo nome de sua mãe (Helen – a filha - viveu quase toda a sua vida em Baltimore, EUA, nunca tendo se casado. Faleceu aos 88 anos, em 7 de janeiro de 1952). Nos dias dolorosos que se seguiram pôde contar com a ajuda preciosa do missionário George W. Chamberlain. Mesmo em meio a este momento marcante de tristeza, Simonton consegue concretizar outro sonho: lança o primeiro jornal periódico protestante no Brasil que se chamou *Imprensa Evangélica* e circulou por quase 28 anos, no qual se podia perceber a elegância e o vigor da escrita do missionário, a ponto de ser mencionado em jornais do Rio de Janeiro, entre eles, em o “Diário” (FERREIRA, 1992, p. 51), tornado-se também o grande integrador da nova denominação religiosa recém-fundada. Em dezembro de 1864, os cultos em inglês são suspensos.

Em 22 de fevereiro de 1865, Simonton vai a São Paulo com o irmão James a fim de visitar a filhinha que, desde a morte da esposa, foi assistida por seu cunhado e por sua irmã. Visita os campos das cidades de Cachoeira, Campinas e Brotas, retornando ao Rio de Janeiro no início de maio. Em 21 de maio de 1865 recebeu a notícia do fim da Guerra da Secessão e do assassinato do presidente Abraham Lincoln, o que o impulsionou a pregar um famoso sermão aos residentes americanos com base no Salmo 46.1-3. No mesmo ano, foram organizadas duas novas igrejas: uma em São Paulo e outra em Brotas, o que permitiu a Simonton criar o primeiro presbitério brasileiro em 16 de dezembro de 1865, composto por essas duas igrejas juntamente com a igreja do Rio de Janeiro.

Suas últimas contribuições com o presbiterianismo no Brasil se deram com a abertura de um seminário teológico que iniciou suas aulas em 14 de maio de 1867, tendo como professores ele mesmo - que assumiu o ensino de Teologia e Bíblia -, Schneider e o pastor luterano Wagner. Em seu curto espaço de existência (três anos), o Seminário formou quatro pastores brasileiros: Antonio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa e Antônio Pedro de Cerqueira Leite; criou uma escola paroquial onde os próprios alunos do seminário eram os professores e, finalmente, organizou a primeira Escola Dominical Presbiteriana do Brasil.

Em 27 de novembro de 1867, Simonton foi a São Paulo, entre outras coisas, para poder visitar sua filha Helen que deixara sob os cuidados de sua irmã, Elizabeth S. Blackford e, também, para tentar reverter seu quadro de enfermidade, possivelmente adquirida por insistir em morar em área do Rio de Janeiro em que o perigo da febre amarela era maior do que em outras regiões. Segundo se pensava, poderia melhorar no clima de São Paulo que era tido como mais saudável do que o forte calor da cidade do Rio de Janeiro (queixa frequente registrada no Diário pelo missionário). Infelizmente, a reversão da sua doença não aconteceu e seu estado se agravou. Em 9 de dezembro de 1867, aos 35 anos, Ashbell Simonton faleceu, sendo sepultado no Cemitério dos Protestantes, no bairro da Consolação. Sua morte foi sentida e registrada nas recém-formadas igrejas presbiterianas no Brasil. O consulado americano no Rio registrou: "Homem de raros dotes morais e espirituais". O jornal católico "O Apóstolo", que mantinha grandes discussões com o jornal "A Imprensa Evangélica", criado por Simonton, emitiu a seguinte nota: "sempre mantivemos o devido respeito por nosso ilustre adversário, e é de coração nossa

tristeza pela morte do ilustre editor da Imprensa Evangélica” (FERREIRA, 1992, p. 89)

Vários escritos de Simonton foram deixados: além do *Diário*, artigos no jornal *A Imprensa Evangélica*, sermões, relatórios, comunicados, cartas e informes. Em 1869 seu cunhado, o Rev. Blackford, publicou 22 sermões do falecido cunhado em forma de livro com o título *Sermões Escolhidos*.

### 1.3. O Diário de Simonton

Se a história do enunciador do *Diário de Simonton* é importante para os objetivos deste estudo, cabe também, ainda que resumidamente, relatar a história da obra em si.

O *Diário de Simonton* abrange um espaço de quatorze anos da vida do autor (1852-1866). Ele começou a ser escrito quando Simonton tinha 19 anos e o último registro foi feito em 31 de dezembro de 1866. Segundo MATOS<sup>4</sup>, ele pode ser dividido da seguinte forma:

a) Relato da viagem e o trabalho no sul dos Estados Unidos, que abrange o período de 1852 a 1854.

b) Relato sobre o período de estudos de Direito, a conversão ao Cristianismo e a vocação ministerial abrangendo o período de 1854 a 1859

---

<sup>4</sup> Cf. MATOS, *O Diário de Simonton*, Prefácio, p. 11-12

c) Relato sobre o trabalho missionário no Brasil, que abrange o período de 1859 a 1866, onde se encontram os registros da sua chegada e estadia inicial no país, organização da Igreja do Rio de Janeiro, viagem aos Estados Unidos, casamento com Helen Murdoch e o retorno ao campo, o nascimento de sua filha e a morte de sua esposa e a continuação do trabalho missionário no Brasil.

Não há conhecimento da localização do manuscrito original. Só existem cópias datilografadas feitas no início do século 20. A primeira tradução foi feita por Maria Amélia Rizzo, em 1959, por ocasião do primeiro centenário da Igreja Presbiteriana do Brasil, cobrindo apenas o período de sua chegada ao Brasil e publicada em 1962. Somente em 1981 se deu a primeira publicação do diário completo e, em 2002, foi lançada uma última edição ampliada com mapas, fotos e um pequeno resumo sobre a obra e a vida do autor.

Até o momento não foram encontrados relatos sobre a ocasião do lançamento da obra em 1962. Mesmo assim, o perfil apresentado nos proporciona dados suficientes a fim de estudar o *ethos* discursivo do enunciador.

## CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Todo discurso implica em uma apresentação de si mesmo. Seja ele oral ou escrito, uma imagem será criada, quer o enunciador queira ou não, pois o *ethos* está ligado a toda enunciação. Algo natural dentro da incompletude discursiva em que o “eu” precisa do “tu” para que haja a comunicação:

A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a expressão que emite. A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa propositadamente e tão-só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a esses símbolos. Está é a comunicação no sentido tradicional e estrito. A segunda inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida. (GOFFMAN, 2003, p. 12)

Portanto, no *ethos* discursivo o enunciador confere, a partir de seu estilo, das suas competências linguísticas e enciclopédicas e das suas crenças implícitas, um status ao seu destinatário que, por sua vez, o aceitará ou rejeitará, mantendo-o ou transformando-o, seja positiva ou negativamente, pois é no foro interno que o destinatário tematiza premissas a respeito do caráter implicitamente veiculado pelo comportamento do enunciador. Para o analista do discurso, não importa a imagem exterior do autor, mas a imagem do enunciador apresentada no discurso, aquela que ele deseja que o co-enunciador absorva, retenha, como podemos ver na afirmação de Maingueneau: “O *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala (...)” (MAINGUENEAU, in MOTTA, SALGADO, 2008, p. 17)

Assim, qualquer enunciador que profere um discurso (oral ou escrito) o faz com a devida eficiência, porque aqueles a quem ele dirige a palavra - o seu público - entendem que ele tem totais condições de fazê-lo:

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é. Consequentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. (GOFFMAN, 2003, p. 21)

Deparamo-nos, portanto, com aquilo que é chamado *ethos* prévio (ou pré-discursivo) que diz respeito àquela idéia (ou idéias) que o enunciatário tem em sua mente a respeito do enunciador, as representações concebidas antes mesmo de falar. Podemos dizer que todo enunciador tem um valor prévio, pertencente a um grupo social, que por sua vez, é imposto sócio-culturalmente em um momento e lugar histórico. Tal valor se solidifica ou é refutado a partir do enunciatário da comunicação que deve partilhar destes mesmos valores.

Não se pode esquecer que, todo discurso está ligado à situação na qual os traços do “eu” se manifestam. É aqui que a imagem do enunciador é construída. Afinal, ele fala em um lugar (aqui) e em um tempo (agora), envolvido por valores sociais, usando um gênero específico do discurso que induz a um tipo de expectativa sobre o *ethos*.

E se o tempo (o agora) - o momento histórico onde o discurso esta inserida - revela as concepções de um grupo social determinado, obviamente ele irá interferir na identidade do enunciador e na concepção de uma qualidade específica do *ethos*.

Todo este conjunto de concepções sobre o *ethos* nos dirige a um levantamento de fundamentação teórica e seu desenvolvimento. Desta forma, faremos um apanhado das raízes e do desenvolvimento do conceito de *ethos* no discurso, que servirão de base para responder a nossa questão proposta.

## **2.1. *Ethos* Aristotélico**

A questão do discurso (da qual faz parte o conceito de *ethos* discursivo) já era uma preocupação na Grécia Clássica mesmo antes de Aristóteles. O estudo da eloquência, da gramática e da retórica foram disciplinas criadas e ensinadas em suas escolas. Vários filósofos trataram do assunto, contudo, é em Aristóteles que a estrutura do discurso será apresentada como algo a conseguir a persuasão do ouvinte:

Os pensadores gregos, de Sócrates a Platão, escreveram sobre o assunto, porém é com Aristóteles que a estrutura do discurso será dissecada revelando-se como funcionava em suas unidades compositivas voltadas a produzir persuasão. Aristóteles (384-322 a.C.) trouxe à luz um livro que permanece até hoje como referência para quem deseja estudar questões vinculadas aos processos compositivos dos textos: *Arte retórica*. A obra pode ser considerada uma espécie de síntese das visões que se acumulavam em torno dos estudos retóricos, assim como um guia dos modos de se fazer o texto persuasivo. (CITELLI, 2006,p. 09)

Logo, o conceito de *ethos* tem seu início em Aristóteles que, em sua obra citada, dividiu em três aspectos o discurso dedicado a influenciar o auditório ao qual



ele se dirige: Primeiramente, o “Logos” que diz respeito ao domínio da razão e é responsável pelo convencimento; em segundo lugar, vem o “*Ethos*” que define a solidariedade e a amabilidade do orador para com seus ouvintes e, finalmente, o “Pathos” que revela a honestidade e sinceridade daquele que faz uso da palavra (EKKEHARD EGGS, em AMOSSY, 2008, p. 32) – estes dois últimos aspectos dizem respeito às emoções e são responsáveis por emocionar o auditório. (CHARAUDEAU, 2006, p.113). Para Aristóteles, tanto o conteúdo do discurso quanto a impressão que seu locutor passa são importantes e não podem se separar um do outro. Ambos formam uma única imagem. Assim sendo, Maingueneau expressa idéia sobre o *ethos* aristotélico da seguinte forma:

Essa noção vem da *Retórica* de Aristóteles (1378 a), que a entendia como a imagem que um orador transmitia, implicitamente, de si mesmo, através de sua maneira de falar: adotando as entonações, os gestos, o porte geral de um homem honesto, por exemplo, não se diz, explicitamente, que se é honesto, mas isso é mostrado. (MAINGUENEAU, 2000, p. 59)

Essa imagem, porém, não precisa ser necessariamente a mesma para orador e ouvinte. Ambos podem ter uma imagem diferente um do outro, mesmo porque ela não precisa corresponder à realidade: o *ethos* é uma demonstração psicológica do orador e seu público, e não necessita ser real. Ela pode, apenas, “parecer” real. “O *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele, ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 115). Em suma, não importa o que o orador realmente é, mas o que ele demonstra ser por meio de seu discurso, e o seu ouvinte, por valores previamente estabelecidos, poderá aceitar ou não esta imagem.

A teoria desenvolvida por Aristóteles, em sua obra *A Retórica*, foi o início da idéia do *ethos*. Foi a partir dela, que se lançou o conceito da apresentação de si no discurso, onde o orador transmite a imagem ao seu ouvinte, submetendo-a então ao julgamento dele. No entanto, para atingir o nosso objetivo é necessário avançarmos na teoria, já que no *corpus* deste trabalho o discurso se materializa em escrito, é preciso saber se no texto podemos descobrir uma imagem do enunciador mesmo sem sua presença física e pessoal.

## 2.2. *Ethos* em Maingueneau

É em Maingueneau que a teoria do *ethos* se desenvolve e concede ferramentas para o analista do discurso. Ele mesmo propõe que sua concepção de *ethos* se inscreve em um quadro da Análise do Discurso (MAINGUENAU, in MOTTA, SALGADO, 2008, p. 17), onde todo discurso - seja oral, seja escrito – supõe a apreciação de um *ethos*, isto é, uma representação corporal do enunciador que se torna fiador de sua apresentação e imagem. Há uma “fala” no texto escrito, a qual Maingueneau denomina “tom”:

Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. (MAINGUENEAU, in MOTTA, SALGADO, p. 18)

e

(...) qualquer discurso escrito, mesmo que o negue, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse: o termo “tom” apresenta a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral: pode-se falar do “tom” de um livro. (MAINGUENEAU, in AMOSSY, 2008, p. 72)

Nota-se aqui a diferença e o desenvolvimento no conceito de *Ethos* em Maingueneau: enquanto Aristóteles liga-o apenas e tão somente à oralidade, Maingueneau passa a apresentar o “comportamento” do enunciador também no discurso do texto escrito.

O “tom” extraído do texto – a “vocalidade”, o mover, a maneira de se vestir, os traços psicológicos - implica na construção de uma imagem, de um “corpo” do enunciador a partir dos recursos textuais. Essa imagem do enunciador, construída pelo enunciatário, é denominada de “fiador” e seus traços podem ser muito bem distinguidos.

Primeiramente, temos o **caráter** do enunciador, no qual o leitor pode encontrar no discurso os seus traços psicológicos (jovialidade, severidade, simpatia, bondade, etc.). Em segundo lugar, o enunciado dá a **corporalidade** (os traços físicos e indumentários) em que o texto materializa a figura do enunciador. Em terceiro, apresenta-se o **comportamento social**, que liga o enunciador a um momento histórico (“eu, aqui, agora”) e a uma maneira de se mover em um determinado espaço social, ao qual Maingueneau chamará de cenografia.

Em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge. (MAINGUENEAU, in AMOSSY, 2008, p. 77)

Portanto, o comportamento social é a base que possibilita a edificação do caráter e da corporalidade do fiador, pois ambos dependem de um conjunto de representações sociais, ou seja, “de estereótipos sobre os quais a enunciação se

apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, in AMOSSY, 2008, p. 72). Essas representações sociais investem o fiador de valores que são especificados pela história e pelo lugar em que ele fala:

É importante considerar o discurso persuasivo não apenas como realização de um indivíduo solitário, como se fosse algo criado e posto em circulação por uma única pessoa. Certamente, quando um deputado se manifesta na tribuna da Câmara, atrás dele estão posições do partido ao qual pertence, a expressão de interesses de eleitores e grupos de pressão que representa, a convicção nascida de envolvimento ideológicos etc. O mesmo se pode dizer do padre, do pastor, do aiatolá, do rabino, cada um deles explicando a Bíblia, o alcorão, a Torá, segundo a tradição dos discursos religiosos nos quais estão imersos, ponderando valores que ensinam, dando continuidade a referências propostas pelos grandes textos que iluminam as religiões professadas. O deputado ou os religiosos, ao se manifestarem, é como se estivessem, também, sendo falados por discursos precedentes. E isso ocorre com todos nós, que – com maior ou menor grau de consciência – ativamos um complexo jogo dialógico de onde podem irromper temas, (pré-) conceitos, valores, conhecimentos, lugares-comuns. Tal processo decorre do caráter social que a linguagem possui e que permite circular, através dela, os fluxos comunicativos que integram diferentes tipos de vozes e lugares onde os discursos são produzidos. (CITELLI, 2006,p. 36)

Em suma, trabalhar na persuasão<sup>5</sup> do leitor, a fim de que esse possa aderir ao *Ethos*, desde que abrace os valores apresentados pela identificação. Podemos dar a esse fato o nome de cena discursiva:

O discurso não resulta da associação contingente entre um “fundo” e uma “forma”; é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva. (MAINGUENEAU, in AMOSSY, 2008, p. 73, 74).

---

<sup>5</sup> Persuadir é, sobretudo, a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia. (CITELLI, 2006,p. 14)

As representações sociais de uma cena discursiva constroem aquilo que Maingueneau chama de estereótipos existentes na coletividade, os quais são responsáveis pela produção do caráter e da corporalidade dentro da enunciação que serão julgados pelo leitor de maneira positiva ou negativa, aceitando-os, confrontando-os, transformando-os ou renegando-os, enfim, identificando-se, de uma forma ou de outra neste julgamento, com o fiador do discurso. (MAINGUENEAU, 2000, p. 60). Muraro confirma esta idéia quando registra:

[...] ao estudar a questão do *ethos* da perspectiva da Análise do discurso, Maingueneau argumenta que o texto escrito possui um “tom”, que lhe confere autoridade e que possibilita ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (o produtor da mensagem), que passa a desempenhar o papel de “fiador” do que é dito. A esse fiador, construído a partir de vários indícios textuais, são atribuídos espontaneamente pelo leitor também um caráter (um conjunto de traços psicológicos) e uma “corporalidade” (uma compleição corporal). Essas duas características são provenientes de estereótipos culturais, de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, que serão ou não confirmadas pela enunciação, que se apóia sobre elas. (MURARO, in, GUIMARÃES, 2008, p. 144)

Vemos que o *ethos* está ligado à enunciação (*ethos* mostrado ou, como está sendo chamado até aqui, o *ethos* discursivo). Mas, ele também será construído a partir de outros fatores. O enunciador pode evocar sua própria enunciação apresentando-se com um título, tomando diretamente uma posição diante do co-enunciador (“o chefe da nação que fala ao meu povo”; “sou o seu amigo que lhes dirige a palavra” etc.) e, neste caso, teremos o que Maingueneau chama de *ethos* dito. Além desses dois fatores, o público pode construir uma imagem prévia do enunciador, mesmo não sabendo qualquer coisa sobre o seu caráter. “O simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*” (MAINGUENEAU, in AMOSSY, 2008, p. 71). Tal imagem deve ser chamada de *ethos* prévio, ou *ethos* pré-discursivo:

“(…) não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador *antes* mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*”. (MAINGUENEAU, in MOTTA, SALGADO, p. 15). Contudo, a vocalidade do texto poderá trazer reações e mudanças na figura do “fiador”, por parte do leitor, o que implicará na mudança da imagem previamente estabelecida até então. A interação desses fatores (*ethos* mostrado, *ethos* dito e *ethos* prévio) resulta na interpretação do *ethos* de um determinado discurso.

Neste sentido, nos apropriaremos dos conceitos de comportamento, corporalidade e caráter de Maingueneau para a nossa análise do *ethos* no Diário de Simonton.

### **2.3. *Ethos* em Charaudeau**

Juntamente com Maingueneau, apresentamos os conceitos de Charaudeau sobre o *ethos* discursivo. Para ele, o *ethos* tem uma visão recíproca entre aquele que fala e aquele que vê o que fala. Reforça-se a idéia do *ethos* pré-discursivo de Maingueneau ao afirmar que o leitor constrói a imagem do sujeito que fala por meio dos dados preexistentes que este tem sobre aquele. Complementa-se a informação sobre o sujeito através dos “dados trazidos pelo próprio ato de linguagem”. (CHARAUDEAU, 2006, p.115).

Legitima-se a situação de comunicação com aquilo que Charaudeau define como “identidade social do locutor”. É por meio dela que ele tem o direito de se comunicar, de fazer uso da palavra por direito em função do papel e do estatuto que

lhes são atribuídos no momento em que a palavra é transmitida. A seguinte explicação cabe bem para este caso:

Na instituição escolar, qualquer enunciado produzido por um professor é colocado em um **contrato** que lhe credita o lugar de detentor do saber. O contrato de fala que o liga ao aluno não lhe permite ser não possuidor do saber, ele é antecipadamente legitimado (Charaudeau, 1983: 55). (CHARAUDEAU, apud GUIMARÃES, 2009, p. 89)

Notemos que este papel atribuído ao enunciador no ato de comunicar-se é denominado, por Charaudeau, de contrato. Tal nomenclatura dada a esse papel é de profunda clareza, já que os participantes do ato enunciativo aceitam determinadas regras que o tornam possível, reforçando a idéia proposta de reciprocidade na construção da imagem do enunciador. Pressupõe-se, então, que enunciador e co-enunciador têm conhecimento prévio de seus direitos e deveres nesse evento comunicativo. O contrato estabelecido muda de acordo com o gênero do discurso usado e a relação entre as partes:

Há, por exemplo, um contrato entre professor e aluno na sala de aula, contrato garantido pela instituição escolar. O *contrato* não é necessariamente adquirido desde o início: ele pode ser negociado entre os parceiros, ou mesmo modificado unilateralmente, obrigando o coenunciador a escolher entre aceitar e recusar o novo *contrato*. [...] Pode-se considerar um gênero de discurso como a combinação de diversos *contratos*: em um debate político radiofônico, por exemplo, espera-se que os participantes respeitem um contrato de comunicação verbal, um *contrato* de conversação, um *contrato* de debate, um *contrato* associado às emissões de rádio... (MAINGUENEAU, 2000, p. 37)

Um contrato de comunicação possui duas classificações: (1) situacional, que diz respeito às identidades sociais das partes que aceitam desempenhar um papel em virtude do objetivo que se deseja atingir em determinada situação específica e

(2) comunicacional, que controla as regras estabelecidas socialmente dentro de uma relação de comunicação. Usando-se o exemplo citado acima (relacionamento professor/aluno) podemos dizer que o contrato situacional diz respeito ao papel do professor que ensina e o do aluno que aprende (responde-se às perguntas “por que estou dizendo?” e “por que você está ouvindo?”); já o contrato comunicacional diz respeito à posição de poder que as partes possuem ou não na comunicação, quando o professor pergunta, o aluno deve responder (responde-se às perguntas “por que eu posso dizer e por que você deve ouvir?”)<sup>6</sup> (CHARAUDEAU, apud MAINGUENEAU, 2000,p. 37). O *ethos* ganha profunda relevância nesta situação contratual, pois o sentido das palavras usadas está ligado ao que é dito e àquilo que o enunciador é. Como consequência do *ethos* como percepção de representações sociais, ele pode ser visto não apenas nos indivíduos, mas também em grupos que tomam posição do ato da enunciação.

A seguir, a classificação de tipos de *ethos*, ainda que originalmente tenha sido usada por Charaudeau para o discurso político, poderá ser útil na análise do corpus apresentado neste trabalho. Observemos o que ele diz a respeito:

---

<sup>6</sup> Maingueneau explica isso com profundidade: “Ao dar uma ordem, por exemplo, coloco-me na posição daquele que está habilitado a fazê-lo e coloco meu interlocutor na posição daquele que deve obedecer; não preciso, pois, perguntar se estou habilitado para isto: ao ordenar, ajo como se as condições exigidas para realizar este ato de fala estivessem efetivamente reunidas. Dito de outra forma, não é porque tais condições estão reunidas que o ato pode ser efetuado, mas é porque este ato foi efetuado que se consideram reunidas estas condições.” (MAINGUENEAU, 1997,p. 29, 30)



### 2.3.1. TIPOS DE *ETHOS*

O ***ethos de credibilidade*** se dá pela verificação do discurso do enunciador tomando como base os seus pensamentos, ou seja, se ele é ou não sincero. Além disso, essa imagem será estabelecida pela sua condição de cumprimento das promessas feitas e sua capacidade de levar a efeito aquilo que anuncia e aplica, já que a credibilidade é poder fazer, ou seja, “é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder” (CHARAUDEAU, 2006, p. 119). Nesta classificação, podemos verificar a seriedade do enunciador, de acordo com a representação social da seriedade em cada grupo e do discurso usado a respeito de si mesmo. Igualmente, nos deparamos com a virtude que é construída por meio do tempo, com o exemplo daquele que fala e assume um papel onde a credibilidade é essencial na formação de sua imagem. Finalmente, nesse grupo (credibilidade), temos o *ethos* chamado por Charaudeau de “*ethos de competência*” (IDEM, p. 125) que espera daqueles que o desejam apresentar, o saber e a habilidade de executar, afinal:

ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos. (IDEM, p. 125)

No ***ethos de identificação*** há uma relação entre o enunciador, o co-enunciador e o ideal de referência (que se pode chamar também de imagem ideal). O enunciador (o eu) procura fazer valer essa imagem ideal apresentada; o co-enunciador (o outro) adere por conta própria àquele que a ele se dirige por “intermédio da imagem ideal de referência”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 137). No ***ethos de potência*** encontramos uma imagem de ação impulsionada por uma

energia física invisível, mas que impulsiona o enunciador a fazer com ânimo profundo. O **ethos de caráter** trata da força de espírito que dá característica ao que fala, que marca sua personalidade. O **ethos de inteligência** faz os indivíduos aderirem a ele em virtude da admiração e respeito conquistados como consequência da sua capacidade intelectual. Ao demonstrar sentimentos, identificação e compaixão para com os sofredores, abrir-se, expondo suas fraquezas e trazer ao público seus gostos íntimos, o enunciador mostra que é um ser humano, portanto, temos nesta situação o **ethos de humanidade**. Outro *ethos* de identificação é chamado de **ethos de chefe**, reconhecido como aquele que requer uma relação de dependência entre enunciador e co-enunciador e que se materializa nas figuras “de *guia*, de *soberano*, e de *comandante*” [grifos do autor] (CHARAUDEAU, IDEM, p. 154). Há três figuras representativas para este *ethos* de chefe como guia: (1) o guia supremo, que nada mais é que a constatação de um grupo ou de um indivíduo de que é incapaz de determinar seu próprio destino, e, desta forma, acaba escolhendo um ser que julga superior e seria capaz de guiá-lo(s) a fim de enfrentar todos os reveses da vida; (2) o guia pastor que, figuradamente, apresenta-se como guia, reunindo as ovelhas, cuida, ilumina o caminho delas, agrega, perseverando tranquilamente; e (3) o guia profeta que, com sua proclamação, agrega, levando os que o escutam ao desafio do futuro, do além, cuidando do destino dos homens. Por último, temos o **ethos de solidariedade** que apresenta um indivíduo atento às necessidades dos outros, mas que também as divide consigo mesmo, sofre com os que sofrem, passa a se identificar de tal forma com o grupo que se junta a eles, anda com eles, faz questão de não se distinguir de qualquer um dos seus componentes.

Mencionados esses tipos de *ethos*, apresentaremos, a seguir, breve definição e importância do gênero diário para identificação do *ethos*.

#### **2.4. O Gênero Diário enquanto Gênero Discursivo**

Para definir o diário, recorremos a Philippe Lejeune que afirma se tratar de uma escrita cotidiana, vestígios que são datados. Logo, a base do diário é a data. Todo diário registra um momento específico antes de qualquer anotação: “um diário sem data não passa de uma simples caderneta” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Além disso, trata-se de um exemplar único, manuscrito e que, mesmo depois de reproduzido em um livro, não perde sua singularidade, já que o texto impresso não pode copiar os detalhes originais que acompanham a escrita (detalhes como desenhos, enfeites, flores, objetos e outros).

No fim do séc. XVIII, originalmente os diários se colocavam a serviço da pessoa que o escrevia. Lejeune apresenta as seguintes utilidades deste gênero: (1) Conservar a memória, pois é para si mesmo que se escreve um diário em primeiro lugar; (2) Sobreviver, uma vez que o diário é mantido para fixar o tempo que passou, que ficou para trás diante do futuro que se esvanece e que, nesse tempo, fala ao enunciatário que o lê; (3) Desabafar, como um amigo que fala a outro amigo e sabe que será ouvido sobre suas frustrações, raiva, melancolia, incertezas, alegrias e esperanças, sem interrupções ou questionamentos; (4) Conhecer-se através dos registros do papel que permitem o distanciamento do tempo e o questionamento e correção necessário; (5) Deliberar, que nada mais é que a reação ao passado que gera ação no futuro; (6) Resistir, referindo-se a coragem e apoio que o diário pode

dar aos que passam momentos difíceis; (7) Pensar, pois a forma do diário torna o pensamento mais livre e aberto culminando em atos criativos; e (8) pelo simples gosto de Escrever. (LEJEUNE, 2008, p.261 a 265)

No séc. XIX (período em que foi escrito o *Diário de Simonton*), manter um diário era algo comum entre pessoas consideradas de cultura<sup>7</sup>. Suas raízes, segundo Lejeune, vieram do protestantismo, algo importante, levando-se em conta a religião do autor do corpus deste trabalho (2008, p.265). Seu gênero é de singular característica, já que:

Um diário se constrói sob a tensão privado-público. Escrito em primeira pessoa, é o relato do indivíduo que dialoga consigo mesmo na busca da extensão da vida para o pós-morte, ainda que literária. Tal impulso pode motivar o autor a ser sincero e corajoso em seus registros. Soma-se a isso o desejo, geralmente inconfesso, de oferecer suas experiências como um estímulo aos que virão. Nesse ponto o objetivo do diarista identifica-se com o desejo de seus leitores religiosos que buscam por modelos de vida cristã. (FERREIRA, acesso em 18/05/2011)

e

Mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos, largamos, reencontramos o diário...São raras as pessoas que se obrigam durante um período longo a escrever diariamente, anotando o máximo possível de coisas. A maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só fio de uma existência. (LEJEUNE, 2008, p. 257)

Com maior precisão, caracteriza-se o *Diário de Simonton*, inicialmente como um “diário de viagem” em que o diarista se preocupava em agrupar determinados

<sup>7</sup> [...] no século XIX, quando Simonton redige, manter um diário havia se tornado “um hábito convencional entre pessoas de cultura”. (FERREIRA, em <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/750-a-influ%C3%Aancia-da-literatura-ensa%C3%ADstica-no-di%C3%A1rio-de-um-mission%C3%A1rio-norte-americano-no-brasil.html> acesso em 18/05/2011)

fatos ocorridos durante suas viagens: dados geográficos, terrenos, descrição de animais e vegetação locais, dados e curiosidades sobre os moradores das localidades por onde passou e, então, ele adicionou as suas próprias impressões pessoais sobre cada um desses detalhes. Com seu amadurecimento, seus registros passam a incorporar uma característica que faz o leitor notar uma mudança e classificá-los não mais como um “diário de viagem”, mas, sim, um “diário espiritual”. Tal tipo de registro era usual na Europa e acabou chegando aos EUA por volta do século XVII tornando-se comum entre o clero. Simonton apresenta as principais características desse novo tipo de diário, ao registrar seus embates, sonhos e decisões a partir de uma visão espiritual, reforçado pelo contexto missionário no qual ele viveu, principalmente a partir de sua chegada ao Brasil. (FERREIRA, IBIDEM)

Em relação ao campo discursivo, o gênero Diário (bem como similares: autobiografias, cartas, memórias, testemunhos, etc) marca o surgimento da noção do indivíduo e da afirmação de resistência à perda da sua identidade. Na afirmação de CARLOS & ESTEVES:

Se o nascimento da escrita autobiográfica, no sentido moderno do termo, está relacionado ao surgimento da noção de indivíduo, a desestabilização da idéia de sujeito vivenciada desde a modernidade provocou a revitalização da autobiografia e das formas de literatura íntima – como diário, cartas, memórias, testemunhos e mais recentemente os *blogs* – que atuam na mente de quem as criam como um modo de resistência à perda da identidade e das certezas que cercavam um eu estável e separado do mundo de épocas anteriores. (2009, p. 10)

O homem é um ser que necessita de auto-afirmação. Ele quer ser notado na vida e no mundo, desejando, via de regra, estar na história. Registrar em um diário

alguns destes acontecimentos é uma maneira de se impor e se tornar relevante ainda que seja para si mesmo:

A autobiografia vem de uma longa tradição. Sempre existiu no homem um desejo de dar testemunho de sua existência, fazendo-o sob inúmeras e diversas formas. Dentre elas, a escrita autobiográfica é, e sempre foi, umas das mais cultivadas. (CARLOS E ESTEVES, 2009, p. 23)

Os discursos autobiográficos são tanto a afirmação ontológica do “eu” quanto a certeza de que ele possui uma história individual relevante e notória. Ele está “em um lugar” e se posiciona em uma “época” específica, registrada sob a sua ótica. No caso do *Diário de Simonton*, estamos diante de algo ainda mais marcante, pois ele é quem está em mais de um lugar – EUA e Brasil – e se depara com sucessões de acontecimentos históricos. Diante de cada um deles, um “eu” se sobrepõe, se destaca e se posiciona:

[...] a autobiografia seria um resumo retrospectivo que uma pessoa faz da própria existência, quando focaliza sua vida individual, particularmente sobre a história de sua personalidade. Sem excluir os estímulos psicanalíticos nem os aspectos filosóficos, políticos e morais envolvidos em qualquer autobiografia, suas análises evidenciam a predominância da dimensão literária neste tipo de texto. (CARLOS e ESTEVES, 2009, p. 11)

O Diário apresenta um “eu” que se faz presente ao “outro”. A linguagem representa e permite que se delineie um *ethos* numa cena particular. Aquele que o tempo deixou para trás se faz “ouvir”. À medida que seus registros são feitos logo se revela (1) a maneira como o escritor se conhece e (2) confirma-se a idéia de Bakhtin quando diz que “o homem nunca coincide consigo mesmo” (BAKHTIN, 1997, p. 59), ou seja, ele é um ser sempre em construção, sua imagem muda conforme o tempo (e os textos autobiográficos, principalmente os diários, atestam isso em cada

experiência registrada cronologicamente). O resultado dialógico é mais do que esperado: se o escritor pode conhecer-se a partir de suas anotações diárias, também pode se fazer conhecido ao leitor e, este, por sua vez, conhecer a si mesmo<sup>8</sup>: “[...] ao compor um auto-retrato, o escritor não procura apenas se conhecer, como também oferece ao leitor uma forma de se auto-conhecer por meio da leitura.” (CARLOS E ESTEVES, 2009, p. 27)

Na análise do discurso, e, em nosso objetivo, na identificação do *ethos*, o enunciador de um diário é, para o enunciatário, alguém que se define como a pessoa capaz de produzir um discurso e que será imaginado a partir do que ele produz (LEJEUNE, 2008, p. 23).

Ao saber-se a relevância do gênero diário no discurso, passemos então à análise do *ethos* do corpus.

---

<sup>8</sup> No intento de produzir algo que perdure, o diarista extrapola o mero registro casual migrando para o campo literário com o objetivo de comunicar-se. Ainda que escreva sobre acontecimentos cotidianos e corriqueiros, o tratamento que dá a eles será o de alguém que quer torná-los não apenas compreensíveis, mas também convincentes. (FERREIRA, IBIDEM)

### **CAPÍTULO III – ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO DIÁRIO DE SIMONTON**

Identificar o *ethos* do enunciador no *Diário*, tendo diante de nós a legitimação de seu discurso, é a base dessa análise. O *ethos* é uma noção discursiva construída pelo coenunciador em meio do discurso, podendo ser ou não a imagem que o enunciador deseja que seu coenunciador absorva.

O corpus de análise foi selecionado respeitando a sequência de recortes que apresentam (1) o contato com o povo brasileiro, uma cultura diferente daquela do enunciador, o que ajuda o coenunciador a absorver o impacto da imagem daquele com esta nova e diferente cultura (“O Contato com o Campo Missionário Brasileiro”); (2) a visão sobre a escravidão, já que tanto no lugar de nascimento, quanto em seu campo missionário – o Brasil – era um fato existente e, também, é latente no *Diário* a imagem do enunciador sobre este tema; (3) a própria imagem que o enunciador tem de si, quando realmente se torna um missionário, pois o querer ser missionário aponta para meros sonhos, enquanto o contato com o campo concretiza o desejo religioso de conquista, de alcance das pessoas e da nação a ser evangelizada. Cada um dos três recortes será analisado a partir das seguintes categorias: (1) comportamento; (2) corporalidade; (3) caráter e (4) cenário, segundo Maingueneau.

Os textos retirados da obra analisada seguem no próprio corpo do trabalho sempre indicando a paginação e agrupados no mesmo tema. Seguiremos a análise das marcas que o locutor imprime ao enunciado que, por sua vez, permite-nos encontrar a imagem que o sujeito faz de si no discurso.



### 3.1. Contato com o Campo Missionário Brasileiro

Simonton chega ao Brasil em 12 de agosto de 1859. O contato de um norte-americano com uma nova cultura demonstrará um *ethos* específico que será analisado aqui, tendo como pressupostos a análise do *ethos* em Maingueneau, de acordo com as classificações já apresentadas anteriormente.

Após um período longo de viagem (Simonton havia embarcado em 18 de junho de 1859 chegando ao Brasil em 12 de agosto de 1859) dá-se seu primeiro contato com o campo missionário. A visão Pão do Açúcar e do Corcovado sob a luz da lua cheia emocionam o viajante, não só pela beleza e pela certeza da chegada ao destino final, mas também por saber quais eram as grandes responsabilidades e dificuldades que o aguardavam. Os primeiros contatos traduzem seu apreço pelas belezas naturais do país e sua descrição sobre cada detalhe denotam esta realidade. Acreditamos que este contato deixa transparecer através da “voz” do enunciador o seu *ethos* discursivo, que é apresentado com a classificação a seguir:

#### 3.1.1. Comportamento

Como já apresentado na Fundamentação Teórica, partindo-se dos conceitos de Maingueneau, o comportamento é maneira de se mover em um determinado espaço social. O espaço social do enunciador é novo, portanto, seus enunciados mostram uma descrição de seu comportamento dentro de um espaço discursivo específico. Vejamos:

*Não vejo o rosto de uma mulher branca há sete semanas, desde que saí de Old Point, e mal saberia como tratar a criatura. (p. 126)*

A transcrição trata de um jantar com americanos residentes no Brasil, no qual o sujeito assume a 1ª pessoa (“vejo”, “saí”, “saberia”). O enunciador dá o “tom” de seu comportamento dentro da sociedade de sua época. Mesmo com uma visão abolicionista, vê-se uma diferenciação na maneira de se “tratar” uma mulher “branca” (dito) da maneira de se tratar uma mulher “negra” (ou de outra raça – o não dito). Obviamente, ainda que odiando a escravidão, um homem não tem como se separar completamente dos costumes que o rodeiam, logo, seu discurso dita uma elitização, uma superioridade da raça branca, mesmo sendo ele contrário àquele mal.

Ao mesmo tempo, vê-se sua preocupação na maneira de tratar uma mulher – *mal saberia como tratar a criatura* - mostrando um comportamento comum na sociedade na qual ele se move – o de um “cavalheiro”.

Outro “tom” encontrado em seu contato com o campo missionário que nos revela um “comportamento”, diz respeito ao seu relacionamento com os estrangeiros que habitavam o Brasil:

*Não acho bom misturar-me muito com os ingleses e americanos que vivem aqui. Depois de conhecê-los, ganhar sua confiança e amizade, sinto necessidade, por escolha e por dever, de me afastar deles. (p. 132)*

*Adquiri conhecimento da situação das coisas entre ingleses, americanos e brasileiros. (p. 138)*

O enunciador é alguém que consegue se mover e é aceito entre culturas diferentes, línguas diferentes (“ingleses”, “americanos” e “brasileiros”). Um *ethos* de

“simpatia” aflora nele, já que o contato é pluralizado. Mas, ao mesmo tempo, ele é o ser que tem o poder de escolha. Ele pode decidir não estar entre seus conterrâneos e entre os ingleses que estão aqui. São-lhe amigos, mas não são o alvo de sua vinda ao Brasil: afinal há um “dever” a ser cumprido e eles não fazem parte dele. Há algo maior a ser alcançado que o faz superar, até mesmo, o desejo de estar perto daqueles que partilham afinidades semelhantes. A “necessidade” é maior que a “amizade” conquistada. “Afastar-se deles” indica a aproximação de um novo povo, o povo para o qual ele veio e pelo qual ele nutre amor.

Isto porque seu registro de ter “adquirido conhecimento” sobre a “situação das coisas” entre ingleses, americanos e brasileiros, feito no início de 1860, mostra-nos uma capacidade de análise profunda nas situações culturais e sociais entre estes em sua época. Ele não está inerte: ele adquire conhecimento, algo tão necessário a fim de penetrar no cotidiano desses povos. É isso que permite com que ele decida este afastamento de uma cultura conhecida para outra que se abre diante dele. Ele os “conhece” e, com este conhecimento, tanto das pessoas quanto do estilo de vida delas (“situação das coisas...”), ele tem o poder de agir e tomar a decisão que melhor lhe parece.

Um evento comum entre seu país de origem e seu campo missionário apresenta algo mais sobre seu comportamento:

*Que diferença de todas as outras vésperas de Natal! Vou simplesmente perder o Natal este ano, pela total impossibilidade de me convencer de que ele chegou. Natal no trópico não é Natal! É exatamente o contrário de qualquer associação desse dia, e no caso as associações são tudo. (p. 135)*

O enunciador assume que é a véspera de natal. Independentemente do local, as datas se entrelaçam, mas em virtude das diferenças de clima e de cultura não é possível a associação desejada. A essência da comemoração do Natal dentro do cristianismo – o nascimento de Cristo e o ensino envolvido – perde espaço para a forma (“Natal no trópico não é Natal!”). O Natal no trópico – mais precisamente no Rio de Janeiro – é marcado pelo início da estação de verão onde predomina o calor, o sol, enquanto o Natal no hemisfério norte é marcado pelo inverno, neve e frio. Não se deve ter o estereótipo de um “imperialista” que só aceita o “seu Natal” como o verdadeiro, mas sim o choque entre culturas, a associação que está ligada ao marcador substantivo “Natal” na mente de um homem do hemisfério norte.

Seu comportamento neste contato, também pode ser interpretado através do enunciado:

*É maravilhoso como eles simpatizaram com minhas noções americanas e republicanas. (p. 136)*

Suas noções políticas são americanas e republicanas especificamente. Em um país que claramente é Imperial, ele compartilha desta opinião com outros americanos. Seu campo de saber não é apenas teológico, mas também político, mostrando um *ethos* de autoridade sobre aquilo que fala. Esta capacidade o torna simpático (“eles se simpatizaram”) e admirado por aqueles que compartilham da mesma opinião.

Em um país de religião predominantemente católica, mas, legalmente, aberto para cultos de outras denominações cristãs, fatalmente Simonton sentiu-se

obrigado a ter contato com adeptos e líderes do catolicismo. Em um destes encontros ele registrou:

*Em sua casa [do Dr. José Reinhard] encontrei dois padres; discuti com o mais jovem e mais inteligente deles, padre Francisco, sobre a conveniência de colocar a Bíblia nas mãos do povo. Daí passamos a outras divergências entre católicos e protestantes. Foi agradável e, como disse ele, proveitoso. A seu pedido enviei-lhe uma Bíblia. (p. 146)*

O enunciador é que inicia a ação: “encontrei”, “discuti”; “enviei-lhe”. Ele é capaz de analisar o momento e, igualmente, pode avaliar aquele com quem discute (“o mais jovem e mais inteligente deles”). Esse detalhamento faz com que o segundo padre seja meramente registrado como um número, não havendo qualquer necessidade de ser mencionado. A discussão tem um “fio condutor” específico: a conveniência de colocar a Bíblia nas mãos do povo. Apesar das “divergências entre católicos e protestantes”, o enunciador apresenta em seu comportamento um *ethos* de simpatia, de apreciação pelo oponente, capaz de concordar em algo com alguém que não detém as mesmas convicções religiosas (“foi agradável e, como disse ele, proveitoso”) e de atender ao pedido feito especificamente, justamente sobre o principal tema da discussão (“a seu pedido enviei-lhe...”). Vale notar que a discussão que começa fria e distante, marcada pelo verbo na primeira pessoa do singular “discuti”, muda e toma uma forma mais envolvente, simpática e humana entre as partes, quando o verbo muda para a primeira pessoa do plural “passamos”.

### 3.1.2. Corporalidade

Poucas vezes o enunciador apresenta em seu discurso do *Diário* algo que possa ajudar-nos a traçar um *ethos* “corporal” – aquele que indica os traços físicos e a maneira do sujeito se vestir.

Ao desembarcar no Brasil, um único registro nos chama a atenção:

*Desfiz-me de minha roupa de viagem, dando-a ao cabineiro em agradecimento pelos serviços que me prestou durante a jornada. (p. 125)*

Há uma clara acepção sobre o desejo de andar com algo diferente. A roupa de viagem é velha, desnecessária. Ele se “desfaz” dela. Um novo campo, uma nova vida, um novo trabalho necessitam de uma roupa nova, de uma indumentária que esteja de acordo com a nova situação.

### 3.1.3. Caráter

O caráter no discurso é visto nos traços psicológicos como severidade, simpatia e bondade. Suas anotações em um diário reforçam a idéia de um diálogo consigo mesmo, o que reforça traços de seu caráter e não permitem que, em princípio, haja um mascaramento daquilo que ele é. O tom de seu discurso pode mostrar, portanto, seu *ethos*.

O contato com a natureza do Rio de Janeiro é um recorte importante que mostra-nos algo sobre sua personalidade:

*É um lugar lindo, o mais singular e impressionante que já vi. Nunca teria imaginado tal porto, com beleza sublime, protegido de ventos e ondas, e capaz de defesa contra ataques de mar ou terra. (p. 125)*

*Duvido que muitos lugares no mundo tenham vistas tão lindas como as que vi nesta pequena viagem. Nunca antes tinha visto tanta beleza. (p. 131)*

As novas terras, as novas paisagens brasileiras, o porto fazem com que o enunciador se maravilhe com a beleza da natureza local. Ele está lá, vivenciando o acontecimento, admirando a beleza (verbo ver na 1ª pessoa do singular, no presente do indicativo e locução verbal “tinha visto” com significação de Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo), não se trata de uma gravura ou de algo que alguém experimentou e contou a ele. Os marcadores adjetivais “lindo” e “lindas” e o substantival “beleza” usados em ambas descrições, mostram a apreciação e a capacidade de julgar o belo. Um *ethos* de simpatia pode ser visto em alguém que não apenas é capaz de admirar a natureza, mas, também, exaltá-la em relação até mesmo àquelas que ela tinha visto antes (“nunca antes tinha visto tanta beleza”).

Esta impressão de simpatia se repete, mas em outra situação quando lemos:

*Primeiras notícias de casa. Quando o pacote com cartas de Lille, Blackford, John e Thomas foi colocado em minhas mãos pelo Sr. G., sentei-me no seu quarto de cima e me diverti uma hora com essa festa para a alma. Sentí como se a atmosfera de casa me envolvesse enquanto lia as cartas. Alegrou meu coração, aliviaram seu peso e deram-me forças para conviver com o que não pode ser mudado. (p. 128, 129)*

Ao receber notícias do lar, através de cartas que chegam, o *ethos* de um homem alegre logo se revela. Ele se senta (sentar não é propriamente um ato que

poderia ser chamado de divertido) e o seu interior muda: ele se diverte, tem uma festa em sua alma, é envolvido (verbo na voz passiva, mostrando a influência do lar sobre seus sentimentos) pela atmosfera do lar, mesmo estando distante dele. Três expressões específicas reforçam ainda mais o estado de espírito do enunciador: (1) “alegraram meu coração”; (2) “aliviaram seu peso”; (3) “deram-me forças”. O resultado é a capacidade de conviver com a solidão que não podia até ali ser mudada. A capacidade de transformar tristeza, solidão, em alegria faz o co-enunciador identificar-se com seu caráter, humanizando-o.

Ainda em seu contato com o campo missionário, podemos apreciar outro aspecto de seu comportamento:

*Foi uma tarde de domingo improdutivo, pouco favorável à manutenção do estado de espírito proposto em meu sermão [baseado no texto Bíblico de 1 Tessalonicenses 5.17]. Daqui em diante preciso redimir o tempo perdido e fazer melhor uso do mesmo; terei de arranjar um bote por minha conta e assim poderei voltar para a terra imediatamente após o culto. Esses homens têm vida frívola. Não posso invejá-los no presente; quanto ao seu futuro, se é que se preocupam com ele, apenas promete amargura. Como já ofereceram-me vinho várias vezes, hoje expliquei aos americanos com quem almocei as razões para não aceitar. O Dr. L. achou que, como aqui o vinho não é usado para embriagar, minhas razões e meu exemplo não serão entendidos. (p. 128)*

O texto base da mensagem do enunciador trata de oração (“Orai sem cessar”). O fato de ter ficado muitas horas na companhia das pessoas em reuniões sociais, o faz transparecer a tristeza pelo tempo que não foi bem aproveitado. Seu discurso tem que estar de acordo com sua ação. Isso, aliado ao fato de sua recusa do vinho que lhe é oferecido, demonstra um *ethos* de sinceridade, bem como de austeridade próprio de um religioso, pois ele não se importa se será ou não entendido em seus princípios.



### 3.1.4. Cena

A cena trata de um ou vários acontecimentos inscritos em uma configuração sócio-histórica.

Deparamo-nos, na chegada de Simonton e seus primeiros contatos no Brasil, com alguns recortes que tratam da cena enunciativa, da forma e do fundo históricos do Brasil Imperial. Vejamos a analisemos alguns deles:

*Tivemos um jantar excelente: primeiro sopa, depois peixe; depois, o que quisesse; então torta de alguma coisa parecida com batata doce, muito boa; afinal laranjas como nunca havia provado. São muito grandes, pesadas e sólidas e têm sabor delicioso. Existe a mesma diferença entre essas laranjas e as dos Estados Unidos que há entre uma maçã seca e enrugada e outra fresca e succulenta. Havia vinho à mesa e palitos de dentes. Esta é uma peculiaridade do Brasil: palitos estão sempre à mesa e são usados por damas e cavalheiros. Por último serviram charutos aos senhores, e o servo apresentou a cada um uma vasilha com brasas de carvão para acendê-los. Estivemos à mesa quase duas horas e nos divertimos muito. (p. 126)*

O enunciador assume um papel coletivo (1ª pessoa do plural) através dos marcadores “tivemos” e “estivemos”. Um comportamento se revela apresentando uma diferença entre o comportamento brasileiro e o americano à mesa: “Esta é uma peculiaridade do Brasil: palitos estão sempre à mesa e são usados por damas e cavalheiros.” Mas, ele não recrimina a cena, ele a acha interessante porque tanto “damas” (talvez o fato surpreenda Simonton por não ver o mesmo tipo de comportamento entre as “damas” de seu país) quanto “cavalheiros” participam do processo. A cena dirige-nos a um *ethos* de alguém que se alegra, que é simpático, que sabe se relacionar com a sociedade que o rodeia.

Analisemos agora outro recorte relacionado à cena:

*É assim o formalismo brasileiro, com seus veneráveis adiamentos.  
(p. 133)*

Referindo-se à burocracia brasileira, já corrente nos tempos do império, o enunciador registra as dificuldades para conseguir licença a fim de dar aulas de inglês entre os brasileiros. O marcador adjetivo “veneráveis” ligado ao substantivo “adiamentos” nos remete a uma voz irônica, pois ninguém pode realmente respeitar adiamentos constantes em decisões que devem ser tomadas e, principalmente, aquelas que dizem respeito ao trabalho de alguém. Vê-se a voz de alguém capaz de analisar os meandros políticos de um novo país, e, com a devida dose de humor, também superá-los. Adicione a dinâmica no trabalho que não é capaz de aceitar a lentidão em um órgão governamental.

Em sua jornada pelo campo missionário, Simonton sai do Rio de Janeiro e vai para o interior do Estado de São Paulo. Deparamo-nos com o seguinte registro feito na cidade de Itu:

*[...] a casa era tão desmazelada, suja, sem assoalhos, janelas e portas, com porcos, galinhas, cães, vacas, cavalos e mulas entrando, enquanto pelo piso de terra engatinhavam crianças brancas e pretas, que tornava-se difícil apreciar a hospitalidade. Nunca vi família tão excelente, com tais recursos ao seu dispor, viver de modo tão deplorável (p. 146)*

O enunciador usa os marcadores adjetivos “desmazelada”, “suja” para se referir ao estilo de vida dos seus acolhedores. A hospitalidade que poderia ser apreciada perde espaço para o lugar e situação na qual vivem. Ele se apresenta como o sujeito que é capaz de analisar e julgar (“Nunca vi...”) o cenário e o

momento, os quais ganham conotação especialmente negativa: animais e crianças que dividem o mesmo espaço e, além dos problemas já registrados, percebe-se que não há o mínimo necessário para se compor uma moradia: “sem assoalhos”; “[sem] janelas; “[sem] portas”. O julgamento não diz respeito às pessoas (“família tão excelente”), mas ao seu estilo de vida (“com tais recursos ao seu dispor, viver de modo tão deplorável”). Estamos diante de alguém que é capaz de amar as pessoas ao seu redor, de valorizar a recepção feita, mas que não pode aceitar a miséria, as más condições de vida, a falta de organização e de planejamento em um lar que tenha condições de fazê-los.

Ainda em Itu, interior de São Paulo, outro relato colabora para a cena discursiva:

*Combinei com o Sr. Abreu de mandar-lhe um estoque de Bíblias, para os dias de feira. Meu outro agente, Marciano da Silva, tinha mandado consultar o bispo, por meio do vigário, sobre a possibilidade de venda desses livros. Mostrou-se atônito com a nenhuma importância que eu dava a bispos, papas e quejandos; como católico, via-se no dever de obedecer-lhes. O vigário declarou-se pronto a ajudar na distribuição das Bíblias, se o bispo desse licença. (p. 146)*

A cena discursiva mostra um contexto sócio-cultural religioso, cujo tema central é a questão da distribuição de Bíblias entre o povo. Ao usar o verbo na primeira pessoa do singular (“combinei”; “dava”) e, também no infinitivo (“mandar”), o enunciador se estabelece como aquele que toma a iniciativa das decisões, demonstrando ter o poder e as condições de fazê-lo. Confirma-se tal posição pelo uso do pronome possessivo “meu” e do pronome adjetivo “outro”, estendendo seu poder não só sobre um dos agentes, mas sobre ambos, apesar de, ao mesmo

tempo, entender que este poder sobre o “outro agente” está descendido, pois ele consulta o vigário, a fim de se ver autorizado a vender Bíblias. Há uma condição especificada pela conjunção condicional “se”, referindo-se à consulta ao bispo para possível distribuição de Bíblias também pelo vigário.

Outra cena importante encontrada no contato com o campo missionário é a do Carnaval, bem como da Quaresma, tão característicos no Brasil:

*Ontem foi o último dia do carnaval, celebrado por mascarados a cavalo e a pé que cruzavam as ruas; hoje começa a Quaresma. Não havia carne na mesa do Barão, apenas ovos. (p. 147)*

A cena é identificada pelo tempo (advérbios “ontem” e “hoje”) no qual o enunciador age identificando o momento através daqueles que celebram a data: os “mascarados” que “cruzavam as ruas”. Já o início da data católica conhecida como Quaresma é identificada pela ausência da carne como alimento, ao mesmo tempo, com a presença de ovos na mesa. O enunciador, mesmo sendo um protestante, não emite um juízo de valor sobre um costume religioso e popular que não lhe é familiar, apenas registra-o, mostrando talvez sua familiarização com o novo povo e a nova cultura com quem começa a ter contato.

Ainda em Itu, hospedado na cada do Barão de Piracicaba, Simonton registra:

*Tive uma conversa interessante com o Barão, sua mulher e sua filha. São católicos liberais. Mais que qualquer outra pessoa que já conheci, escolhem o que é bom e discretamente deixam de lado o que há de mau nos ensinamentos da sua igreja. (p. 147)*

Nota-se o enunciador, mais uma vez, como aquele que detém o poder. É ele que tem a conversa (verbo ter, na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo), é ele quem tem a capacidade de conhecer (“conheci”) e de julgar os valores do outro, ao afirmar que “escolhem o que é bom e (...) deixam de lado o que há de mau (...)”. Sua avaliação sobre o comportamento religioso na vida dos seus anfitriões é profunda, pois ele é capaz de analisar não só os valores da escolha feita, mas a categoriza ao registrar que eles “discretamente deixam de lado o que há de mau”.

Posição semelhante é tomada após contato com estrangeiros residentes no Brasil:

*[...] o que mais me impressiona é que todos os estrangeiros que aqui vivem e nominalmente são protestantes rejeitam e descrêem do Evangelho. [...] Nada se pode esperar para o Brasil dos estrangeiros que agora se mesclam com seus habitantes. Uma incredulidade rasa, impensada e ignorante infeccionou todos eles. (p. 148)*

O discurso é marcado pela surpresa. O enunciador se torna o objeto da ação, causada pelos estrangeiros que moram no Brasil. Ele também é estrangeiro (americano) e, logo, se coloca como o parâmetro de comparação com aqueles que são “nominalmente protestantes”. O não dito se subentende e se afirma: ele é um protestante que aceita e crê no Evangelho. Sob o ponto de vista religioso, mesclar-se com os habitantes deste país traz um resultado negativo (“nada se pode esperar (...) dos estrangeiros”). Aliás, ele apresenta um *ethos* de “médico” ao se referir à incredulidade como algo que “infeccionou” todos eles. Concordando com uma visão cristã, a incredulidade é a “doença” que leva à falta de reflexão (“impensada”) e à ignorância. A “cura” para esses males é conseguida quando se crê no Evangelho.

### 3.1.5. Cenografia

A cenografia faz-nos associar uma cronografia (um momento) e uma topografia (lugar) à figura do enunciador e do co-enunciador.

O enunciador assume uma imagem específica a partir da cenografia presente em seu discurso, como podemos ver abaixo:

*A cidade está a cerca de duas milhas, sobre uma grande extensão de vales e montanhas; brilha o sol com suas paredes caiadas de branco. Fazendo fundo para esta linda pintura, há uma cadeia de morros altos e montanhas. (p. 125)*

*A cidade com seus subúrbios, o porto, o oceano e as montanhas em volta formam tal cenário que não se pode ver igual (p. 129)*

*Desembarquei com Kean no cais de botes e tudo o que tinha lido sobre a Espanha, Portugal e portos do Mediterrâneo me veio à memória. Posso imaginar o que seja desembarcar entre os Lazzaroni de Nápoles, ou na Argélia ou no Cairo. Existe aqui a mesma mistura das raças branca e negra. (p. 126)*

Destaca-se o papel de geógrafo, capaz de descrever não somente a geografia física de um lugar, mas também, a humana. Montanhas, vales, morros altos, subúrbios, oceano são descritos juntamente com os tipos de raças que vivem em regiões determinadas (“aqui existe a mesma mistura das raças branca e negra”). Ele não esteve lá, ele leu (“tudo o que tinha lido”) transparecendo o seu papel de estudante. A correta colocação dos países (Espanha, Portugal, Argélia) e das cidades (Nápoles, Cairo) demonstra que seu conhecimento é correto, dando legitimação à sua imagem e análise situacional.

Esta cenografia se reforça em suas impressões sobre o Dia da Independência do Brasil:

*Ontem foi o Dia da Independência do Brasil. (...) Fui à cidade e estive presente a uma revista de tropas pelo Imperador. Nem no treinamento de milícias jamais eu tinha visto soldadesca tão heterogênea. Vestiam-se ricamente, em alguns casos, estavam bem vestidos, e isso era tudo de que poderiam se gabar. Quase a metade – ou talvez a metade – são negros que vão do retinto ao cinza claro. (...) O Imperador e a Imperatriz ficaram na janela, bem visíveis. Ele é um homem alto e bem formado, mas de feições um tanto impassíveis. (p. 128)*

O enunciador conhece o momento – o dia da independência do Brasil. Ele se mostra “senhor” da ocasião, pois afirma “fui à cidade” e “estive presente”. Sua observação maior é quanto ao grupamento de soldados tratados como “soldadesca”. Novamente, ele analisa a situação diante dos seus olhos: a heterogeneidade dos soldados, a miscigenação (“do retinto ao cinza claro”), suas vestimentas (“vestiam-se ricamente, em alguns casos, estavam bem-vestidos”), mas era somente das vestimentas que “eles poderiam se gabar”. Parece-nos haver uma referência à fraqueza aparente dos que vestiam essa roupa, pois deles mesmos não havia do que se gabar, lançando dúvidas sobre a eficiência dos soldados. Isso leva o co-enunciador a refletir: se os soldados no momento de revista de tropas pelo Imperador e no principal dia cívico do país só podiam se gabar das roupas, o que seriam fora desta ocasião? Segue-se sua impressão sobre o casal Imperador. Ambos – Imperador e Imperatriz - estão na janela, “bem visíveis”. O Imperador “é alto e bem formado”, mas ao mesmo tempo, de “feições impassíveis”.

A seguir, trataremos da questão do *ethos* discursivo no que diz respeito à visão do enunciador sobre a escravidão.



### 3.2. Visão sobre a Escravidão

O enunciador sai de um país marcado pela dor da escravidão. Seu campo missionário era igualmente inundado pelos mesmos tipos de conceitos. Sua abominação pela escravidão é nítida, a tal ponto que ele chega a nomeá-la um demônio (íncubo). No entanto, como todo homem é parte do momento em que vive, e, como missionário, ele possui um objetivo primordial, por vezes suas opiniões pessoais são deixadas de lado com o intuito de atingir um objetivo maior que ele tem por seu dever. Ainda assim, sua visão aponta para a heterogeneidade, associados a um grande desejo de mudança do *status quo* no qual se encontra. Sua posição sobre o assunto, também aponta para uma imagem a ser interpretada a partir do discurso emitido.

#### 3.2.1. Comportamento

Apesar do espaço social ser novo, os valores quanto à escravidão não são nenhuma novidade para o enunciador. O Brasil vivia sob esse regime de exploração humana. Veremos a maneira como o sujeito se “move” neste espaço específico:

*Ontem com a ajuda de quatro negros fiz trazer da cidade uma mesa e algumas cadeiras, bacia de rosto e seu suporte, bem como os meus pertences que estavam em casa do Sr. Garrett e coisas novas que comprei. (p. 137)*

Nós nos deparamos mais uma vez com o “eu, aqui e agora”. Todo discurso é feito em um lugar e situação específica. Todo enunciador tem seu comportamento ligado a esta situação. Apesar de sua visão contrária à escravidão, o enunciador usa a expressão “com a ajuda de quatro negros”. O substantivo “negros” define o ser,

mas, ao mesmo tempo, segrega. Não existe a menção simples de “quatro homens”. Note-se a locução verbal “fiz trazer”, mostrando que ele é quem faz a ação, ele dita a ordem, ele está no domínio.

Apesar disso, observamos outras situações que demonstram seu comportamento frente à escravidão:

*Tive uma conversa com S. e me arrependi. Foi sobre a escravidão; ele é absurdamente a favor e eu, contrariando-o, acabo perdendo poder e influência sobre ele. (p. 129)*

Ao falar sobre a escravidão ele expõe sua opinião contrária a ela. O que se opõe à sua opinião é “absurdamente a favor”, ou seja, é inaceitável para o enunciador que alguém possa defender um regime como este. Ele contraria “S.” (Silva, o brasileiro com quem troca aulas sobre os respectivos idiomas). Contudo, especificamente aqui, há arrependimento. Trata-se de alguém sobre quem ele deseja exercer “influência” e “poder”. Seu *ethos* de abolicionista não pode sobrepor-se ao *ethos* missionário, pois este é seu intuito maior nesse país e ele está disposto, até mesmo, a esconder sua opinião sobre a escravidão se for necessário a fim de atingir seu objetivo maior.

*Talvez Deus por caminhos inimaginados vai dar os meios para se expulsar o íncubo da escravidão, apesar de, à nossa visão humana, parecer que se dará justamente o contrário. Sinto forte convicção de que há um bom propósito, de algum modo oculto sob essas sombrias providências (p. 147).*

*Creio também que não será demais prever o começo do fim da escravidão. Se ao menos essa mancha puder ser removida, esse íncubo retirado do corpo da nação, mesmo que com longa demora até ao fim do processo, teremos obtido grande vitória. (p. 150)*

Sua visão quanto à escravidão é reforçada: ele deseja o abolicionismo. Em suas menções sobre o assunto nesses recortes, ele se refere ao fato nos EUA. Explode a Guerra da Secessão em seu país. Sua visão religiosa se mistura à visão cívica. A escravidão é um “íncubo”, um demônio, ou a personificação da maldade entre os seres humanos. Deus é o ser capaz de eliminá-lo usando sua “providência” (na doutrina Calvinista, base dogmática de Simonton, o ensino de que Deus coloca-se em ação levando ao final o resultado que Ele mesmo planejou e decretou) dando os “meios” necessários, mesmo que pareçam “sombrios”. Não importa a opinião da maioria (“nossa visão humana”), afinal ele está “convicto” que o bom propósito divino será o término do mal da escravidão. Ela é uma “mancha” que precisa ser removida; um “demônio” (íncubo) que ocupa um corpo (a nação) que não é seu e precisa ser retirado. Sua continuidade é um fracasso, portanto, seu término trará vitória não apenas a ele, pois o uso do verbo na primeira pessoa do plural transforma o sujeito em coletividade e pulveriza os benefícios conquistados (“teremos obtido grande vitória”).

### **3.2.2. Caráter**

Em suas anotações, Simonton mostra seus traços psicológicos quando se depara com a escravidão também no Brasil:

*Fui com o Sr. H. a um leilão em que ele comprou dois negros. Outra vez estou no meio do horror da escravidão (p. 130)*

Este registro em seu diário se dá em outubro de 1859. Cerca de dois meses tinham se passado desde sua chegada ao Brasil. Ao registrar “outra vez” ele confirma um comportamento social comum entre as duas nações. Mas,

independentemente do lugar, sua reação é a mesma: ele se horroriza com a escravidão (“estou no meio do horror da escravidão”), pois trata-se de uma figura que fere a visão do homem que fixa nela o olhar. Seu caráter, quanto a este assunto é delineado. Ele não pode se conformar, trazendo para si um ar de simpatia no discurso.

### 3.2.3. Cena

Simonton tem diante de si uma situação sócio-histórica quando fala do tema escravidão e abolicionismo.

*Posso ver claramente, e retratar com vigor, tanto o perigo de interferir com a escravidão como o de deixá-la como estava; não prevejo paz e calma enquanto o sistema atual de escravidão perdurar. É um sistema que clama aos céus por justiça, e mais cedo ou mais tarde o julgamento virá. Não tenho dúvidas desde o princípio de que a contenda que Deus tem conosco como nação diz respeito à escravidão. Precisava haver um caminho para a abolição. (p. 157)*

Mais uma vez o enunciador faz uma referência à situação dos EUA, referindo-se à Guerra Civil que assola aquele país. Ela tira a paz e a calma, mas sua grande causa está no próprio sistema escravocrata. Ele assume a posição de alguém capaz de analisar com precisão (“posso ver claramente”; “retratar com vigor”; “não tenho dúvidas”) a situação na qual ele está inserido. A guerra é o resultado da “contenda que Deus tem” com uma nação que aceita a escravidão e está de baixo de “um sistema que clama aos céus por justiça” e não pode contar com a justiça entre os homens. O julgamento e a punição precisam ser expiados e é com a abolição proclamada pelo presidente Lincoln que isto pode acontecer. O enunciador se coloca no lugar da nação, transferindo seus sentimentos e desejos abolicionistas para toda ela. Transparece-nos aqui um *ethos* que o identifica como alguém que se

preocupa com seu povo, e de solidariedade e humanidade presentes na preocupação com seu semelhante.

*Tivemos Santa Ceia no último domingo; admiti João Marques de Mendonça, um negro. (p. 167)*

O enunciador apresenta um *ethos* de coletividade. O verbo na primeira pessoa do plural denota um sentimento comunitário. Ele não está sozinho, ele faz parte de uma comunidade que se reúne a fim de celebrar o ritual cristão chamado de Sacramento da Santa Ceia, na qual se repete a celebração da Última Ceia realizada por Cristo. Na tradição cristã protestante, esse é um momento onde se recebe espiritualmente a Cristo no pão e no cálice. Aqueles que dela participam devem ser membros recebidos e reconhecidos pela igreja, pois professam a mesma fé. É o ideal de união no reconhecimento de que todos juntos formam um só corpo guiado pela mesma cabeça – isto é, Cristo, aquele que está sendo representado nos elementos do Sacramento. O “momento” é o domingo, tão conhecido como o dia do Senhor, sendo uma data em que o povo cristão tradicionalmente se reúne. Nesse dia e nesse momento tão marcante, o enunciador registra que exerce seu poder de ministro quando usa o verbo na primeira pessoa do plural (“admiti”), referindo-se ao costume comum entre os presbiterianos quando da recepção de um novo membro na comunidade. Ao mesmo tempo, ele representa a instituição que o envia e lhe dá essa capacidade. Há, portanto, uma troca de cessão e aceitação da autoridade conferida. O membro recebido não é simplesmente descrito como um homem, mas é descrito com um substantivo, colocado como aposto, a fim de especificá-lo: “um negro”. Em um país onde ainda prevalece a cultura escravocrata e onde a religiosidade segrega, o enunciador apresenta uma realidade inovadora e de

vanguarda: um negro é admitido, recebido e participa do principal Sacramento cristão protestante. Ele une-se ao mesmo corpo formado por negros e brancos, participando do momento no qual todos se tornam, por comunhão, um só corpo.

Resta-nos, agora, analisar o *ethos* em relação o enunciador em seu papel como missionário.

### 3.3. Missionário

O *ethos* missionário é, entre todos, o mais marcante, uma vez que esse é o papel assumido pelo enunciador mesmo antes de sua chegada ao Brasil:

Assumi os votos feitos por meus pais quanto a mim em minha infância “para ser do Senhor” e fazer de seu serviço o supremo objetivo da vida. (p. 89)

e

Hoje ouvi um sermão muito interessante do Dr. Hodge sobre os deveres da igreja na educação. [...] Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro. (p. 96)

O missionário é aquele que se dedica a um objetivo específico em sua vida. Tratando-se do Cristianismo, o significado é ainda mais marcante, pois envolve a entrega de toda a vida e a dedicação na propagação da sua fé. Vejamos, portanto, como Simonton se assume nesse papel.

#### 3.3.1. Comportamento

Antes de ser enviado como missionário ao Brasil, Simonton foi ordenado pastor. Tanto para o missionário quanto para o pastor, a pregação se torna o principal meio a fim de alcançar o objetivo da missão: a conversão dos seus ouvintes. Através dela, podemos analisar a maneira como ele se move no espaço social no qual agora ele está inserido.

*Usei notas, prática em que não devo continuar quando falar a esse povo. (p.130)*

O enunciador cumpre seu papel de missionário-pregador. Ele é o homem que fala a um povo específico (“esse povo”). Ele avalia o método usado e pode concluir qual é o melhor. Sua posição permite identificar o caminho a ser percorrido a fim de atingir seus objetivos. Mais tarde, em outro registro, o mesmo comportamento se repete, porém com uma maior riqueza de detalhes:

*Estou numa situação difícil. O estilo em que escrevo está muito acima deles e os improvisos são áridos e pobres. Acho que o Sr. B. será um assistente valioso e capaz de fazer esse tipo de serviço bem melhor que eu. (p. 132)*

A pregação, que é o meio de trabalho do missionário-pregador, continua a ser um entrave para que ele consiga interagir com o povo. Ele é capaz de avaliar a situação (“estou numa situação difícil”) e demonstra um *ethos* de humildade ao entender suas limitações na pregação improvisada e na necessidade de ter a assistência de alguém que possa ser melhor do que ele (“um assistente valioso” e “fazer esse serviço bem melhor do que eu”). Sua preocupação em se comunicar com o outro também se revela, pois o seu estilo de escrita é mais elevado e não pode transmitir seus ideais de missionário entre um povo que desconhece o que lhe é familiar.

Não somente o seu estilo de escrita ou as limitações na improvisação são que atrapalham a sua tarefa missionária, mas, como em qualquer trabalho missionário, a língua pode se tornar um entrave na comunicação e na possibilidade de se locomover no meio onde se está inserido:

*O que mais me interessa agora é aprender a língua. Começo a reprovar-me por perder tempo, pois este é meu primeiro dever, e*



*enquanto não o completar, não tenho condições de ser útil aqui.  
(p132)*

O enunciador tem objetivos claros em seu coração: "aprender a língua". Isso é algo que não pode ser adiado demonstrado pelo uso do advérbio "agora". Não conhecer a língua o faz sentir-se incompleto ("não tenho condições de ser útil aqui") e, portanto, insatisfeito consigo mesmo e com seu trabalho. Ele se reprova e se condena, pois o dever do missionário não está sendo feito adequadamente, demonstrando que o ser missionário só pode acontecer com o cumprimento de suas obrigações estabelecidas ao ter o contato com o povo para o qual foi enviado. O mesmo comportamento quanto ao aprendizado da língua continua:

*Todos os esforços que fiz até agora para aprender o português não tiveram sucesso. (p. 132)*

*Finalmente fiz um pequeno progresso para aprender o português mais rapidamente. (p. 133)*

Os dois recortes mostram a luta e o desenvolvimento do sujeito como missionário em uma terra estrangeira. Em ambas as orações, o objeto de sua ação é "aprender o português". Ele se esforça e deseja obter o sucesso, o qual é conseguido com árdua luta, a ponto de o progresso conseguido ser qualificado como "pequeno". Contudo, o dever sobrepuja a todas as coisas e assim:

*No último domingo, dia 22, realizei uma Escola Dominical em minha própria casa. Foi meu primeiro trabalho em português (p. 140)*

Deparamo-nos com um comportamento marcado pelo "eu, aqui e agora". O enunciador realiza uma Escola Dominical. Sendo uma Escola, ela está ligada ao ensino e, se o missionário o realiza, é porque ele tem a devida competência em

fazê-lo e a devida aceitação por parte daqueles que aprendem seu ensino. É constatado, também, o progresso que até ali não havia sido alcançado: o falar a língua portuguesa. A realização do trabalho em sua casa aponta para o desejo profundo de cumprir a missão que lhe foi incumbida, isto é, não importando ter que abrir as portas de sua própria intimidade para aqueles que ele deseja alcançar. E assim:

*[...] comecei a dar aulas em inglês e português duas vezes por semana, para ter acesso aos nacionais e trazê-los aos estudos bíblicos dominicais. [...] Foi maravilhoso ver tantos nacionais querendo receber instrução religiosa. [...] É com grande prazer e gratidão que vejo o caminho aberto para a pregação do Evangelho. (p. 149)*

Agora o enunciador demonstra começar a dominar as duas línguas. Mas, elas não têm um fim em si mesmas, na verdade, elas são um instrumento (“para ter acesso”) para atrair os “nacionais” aos estudos bíblicos dominicais. Se o missionário tem o poder “trazê-los aos estudos”, por outro lado, sabe-se que a busca pela absorção dessa instrução não está em suas mãos, pois são os seus ouvintes que estão “querendo receber instrução religiosa” e, aliado a isso, eles precisam de um subterfúgio a fim de participar dos estudos bíblicos dominicais. O recorte acima revela um comportamento estrategista de um missionário apaixonado e feliz com o dever cumprido. Ele se “maravilha” e tem “grande prazer e gratidão” àquele que o chamou para ser missionário: Deus. Tudo isso por ver que o caminho, outrora fechado, foi aberto para o alcance dos brasileiros com a pregação do Evangelho.

Não podemos esquecer que o dever do missionário religioso exige muito mais do que o contato com o povo a ser alcançado e o domínio de seu idioma. Diz respeito ao seu exemplo que deve combinar com o seu ensino (algo extremamente

importante para o avanço desejado do Evangelho, conforme o próprio enunciador deixa claro no Anexo deste trabalho):

*Desejo pregar Cristo mais em termos de experiência, ser capaz de falar do que sei porque Cristo o mostrou para mim. Não posso conceber chamado mais alegre e exaltado que o daquele que, cheio de Cristo pela comunhão íntima e diária com ele, trabalha diariamente para trazer uma nação à mesma felicidade. (p. 145)*

Encontramo-nos com o resumo do *ethos* comportamental do missionário. Ele tem um grande desejo: pregar Cristo. Um desejo é algo a ser alcançado, como um sonho ainda não concretizado, porque envolve também a essência da capacidade (“desejo” (...) “ser capaz”) que ele admite não possuir. Ele deseja se mover entre os nacionais sendo alguém que tem “comunhão” com Cristo, mas não de qualquer tipo: ela deve ser “íntima”. Esta comunhão é resumida pela expressão “cheio de Cristo”. Ele é o sujeito que aspira por um relacionamento místico, onde ele se esvazia de si mesmo, para ser preenchido por outro. O resultado é um *ethos* de generosidade, em que a felicidade não pode ser guardada apenas para si, mas deve ser dividida com toda “uma nação” a quem ele dirige sua missão.

Com os resultados que começam a despontar na missão, Simonton faz o seguinte registro:

*Tudo o que me concerne pessoalmente pode ser resumido em mercês recebidas de Deus e, de minha parte, terríveis fracassos no cumprimento do dever. (p. 151)*

Estamos diante de um enunciador que não apenas se apresenta como objeto da ação de Deus, pois tudo o que recebe não é fruto de sua ação, mas das “mercês recebidas” dEle. Da sua parte, ele não é capaz de reconhecer qualquer

sucesso em seu dever como missionário. Se ele está sendo missionário, não o é por sua capacidade, pelo contrário, ele se sente alvo do cuidado e da direção do seu Deus.

Em sua primeira *furlough* (férias para divulgação do trabalho realizado no campo) o missionário registrou:

*Também o trabalho que deixava para trás, ao qual minha vida é dedicada, enchia meus pensamentos de tal maneira que eu entendia o prazer com que os missionários, depois de visitarem seus lares, voltam para a missão bem contentes de ir viver e morrer ali. (p. 153)*

O breve momento de distância do campo missionário brasileiro apresenta um enunciador que é capaz de avaliar a sua situação. Ele é senhor da ação, pois, o marcador verbal na primeira pessoa do singular (“entendia”) juntamente com os pronomes possessivos (“minha”, e “meus”) fazem-no ser assim. O lar, que é normalmente o lugar onde se vive e fica, ou que, quando deixado para trás, é para onde se deseja voltar definitivamente, passa a ser considerado como o local de visita. A missão se torna o lar que é “deixado para trás” e para onde, depois, se volta “bem contente(s)” (locução adverbial de modo) para então “morrer ali”, obedecendo ao preceito bíblico que diz “quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á” (Evangelho segundo Marcos, capítulo 8, versículo 35, In: A BIBLIA SAGRADA, TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, 2ª edição).

Um missionário, quando em seu trabalho no campo, mantém contato com os diversos grupos e as classes sociais. Não foi diferente com Simonton:

*[...] tive uma noção muito interessante das opiniões e sentimentos dos homens de negócio a respeito de tentativas de pregar o Evangelho. Os missionários não devem contar com muita simpatia ou apoio dessa classe de homens. (p. 139)*

Temos um enunciador capaz de ter contato com diversos segmentos da sociedade. Ele pode obter uma noção sobre os “homens de negócio”, a qual ele denomina “muito interessante”. Mesmo sabendo qual é, normalmente, o interesse deste grupo, ele compartilha sobre o seu dever e o seu objetivo. Não podendo contar com a simpatia ou apoio deles, então, ele se identifica com seu próprio grupo denominando-o pelo uso do artigo definido e substantivo no plural – “os missionários”. Se o dito especifica qual não é o interesse dos homens de negócio (as “tentativas de pregar o Evangelho”), o não dito se destaca tanto para esses – seu objetivo é o dinheiro, o fruto próprio do negócio ao qual se dedicam – como também para com “os missionários” que não se interessam pelo dinheiro, mas pelas pessoas que são o grande objetivo e ganho de sua vida.

### **3.3.2. Caráter**

Os traços psicológicos podem, também, ser interpretados a partir do seu papel de missionário. Relembrando Lejeune, conforme citado em capítulo anterior, algumas das utilidades do gênero diário são o de (a) conhecer-se, principalmente quando das crises sentimentais e espirituais que um missionário passa e, que, lidas futuramente, permitem questionamentos e mudanças que só o tempo é capaz de permitir (e, assim se dá o distanciamento entre o autor e o enunciador); e (b) desabafar como se o papel onde se escreve fosse o amigo capaz de ouvir sem ressalvas os mais íntimos sentimentos guardados no coração. Nos recortes selecionados a seguir, isso será apresentado:

*Mais duro do que estar separado dos amigos é não ter amigos cristãos cujas orações acompanham o peregrino e alegram o seu caminho. (p. 128-129)*

O caráter de solidão do enunciador se evidencia. Ele está separado dos amigos, inclusive daqueles que possuam a qualidade desejada: serem cristãos. Sua identificação é feita com o peregrino, muito possivelmente fazendo uma referência ao personagem da alegoria do escritor puritano John Bunyan que, na obra que leva o mesmo nome (O Peregrino), apresenta o personagem principal como um homem que é deixado só, na missão de encontrar a cidade celestial, deparando-se com vários percalços pelo caminho. Nesta jornada, ligada à sua missão, ele precisa do conforto, não só da amizade, mas das orações que alegram a carreira a ser seguida. A solidão da missão entristece e torna mais difícil o dever.

A solidão parece acompanhar a sua vida de missionário, pelo que se nota nos seguintes recortes:

*Estou contente por ter vindo, e vindo só. [...] Somente um ano atrás eu remoia a questão do casamento, esperando mas duvidando, desejando mas temendo. É tudo passado. Esperanças e temores foram resolvidos por uma decisão da Providência e sinto que foi bom. Meu julgamento, mesmo então, tendia para isto; agora, com melhor compreensão do que quero e preciso na companhia de meu trabalho missionário, vejo toda bondade e sabedoria de Deus que negou, para meu bem, aquilo que eu queria. (p. 136)*

Ele declara sua solidão ao dizer que veio sozinho ao campo missionário e que queria o casamento. Ele conhece seu estado, que durante um ano foi motivo de constante dor, afinal o uso dos gerúndios “esperando”, “duvidando”, “desejando” e “temendo” ligados ao verbo “remoia” comprovam a linearidade do pensamento e do sentimento, algo que não tem uma resposta imediata e tão desejada. As ações

contínuas se aprofundam tanto e tomam conta do seu interior que se transformam em formas substantivais “esperanças” e “temores” que necessitam de uma intervenção externa para que desapareçam. Sua opinião transforma-se, pois “É tudo passado”. A idéia é reforçada pelo uso da forma particípio do verbo (“resolvidos”), determinando que a ação está completa. Estamos diante de um enunciador que pode errar em seus sentimentos e decisões, está submisso à sua missão, e se adapta a um Poder exterior (representados pela “Providência [de Deus]”, a “bondade e sabedoria de Deus” que “negou” a ele mesmo aquilo que queria) o qual determina o seu querer e o seu precisar.

*Sinto-me satisfeito ao deixar o futuro em Suas mãos, crendo que ele proverá tudo o que realmente eu tiver necessidade, a seu modo e na melhor época. Uma esposa verdadeira, uma companheira e ajudadora em toda boa obra, seria fonte da mais profunda alegria humana; sinto que é o desejo da minha alma, mas está sendo recusado por sábias razões, e estou contente, bem mais do que esperava. (p. 136)*

Observa-se o embate na vida do missionário. Ele tem um desejo íntimo e profundo, a ponto de qualificá-lo como “da minha alma” e que, caso fosse atendido, “seria fonte da mais profunda alegria humana”. A solidão continua a ser marcante em sua vida e, em seu ponto de vista, somente uma esposa poderia resolver essa inquietação. A vontade de ver este sonho concretizado é tão marcante que o enunciador só é capaz de fazer uso de marcadores positivos - adjetivos “verdadeira”, substantivos “companheira” e “ajudadora” e a expressão “boa obra”. Todavia, o desejo não é satisfeito. Ele não pode solucioná-lo imediatamente. É algo para o futuro e que está nas mãos de outrem (“ao deixar o futuro em Suas mãos”). Ele não pode sozinho suprir a sua necessidade e acabar com a solidão. Isto está “sendo recusado por sábias razões”. Ele se sujeita à situação usando a fé que é própria de

alguém que está em uma missão cristã, crendo na provisão do que é necessário na maneira e tempo que não são os seus, mas do outro.

A luta interna do enunciador pode também ser percebida em seu relacionamento íntimo com o Senhor da sua missão: Cristo. A dependência mística do enunciador é constante e corrobora com a formação do seu *ethos*, o que pode ser visto a seguir:

*Sou tão vazio de amor a Cristo e ódio ao pecado que temo haver algo errado comigo. (p. 130)*

*Sinto fortemente que preciso ter um conhecimento mais claro de Cristo e um senso perceptível de sua presença e amor. Ser missionário sem ter amor fervoroso por Cristo e zelo pelas almas é mau negócio. Devo renovar a minha consagração. (p. 133)*

*Não percebo o amor de Cristo por mim como deveria e como creio que o faz a maioria dos cristãos, nem sinto o peso das obrigações que sei ter para com ele. (137)*

Nos três recortes encontramos mais uma necessidade no enunciador. O uso do verbo “ser” (“sou tão vazio”; “ser missionário”) mostra que ele é o sujeito que tem o poder de se conhecer, de saber o que deseja para si, de reconhecer que em sua essência ele se sente sem amor e precisa da consagração. Não é apenas de uma companheira que ele se ressente, mas de um relacionamento mais profundo de amor com aquele a quem dedica sua vida e sua missão: “sou tão vazio de amor a Cristo”; “sinto fortemente que preciso ter um conhecimento mais claro de Cristo”; “ter amor fervoroso por Cristo”; “não percebo o amor de Cristo por mim como deveria”. Ele apresenta o *ethos* comportamental da necessidade de amor, mas também do ódio ao pecado e do temor em ter em si mesmo a possibilidade do erro. Ele, ainda que momentaneamente, não consegue decifrar qual o motivo, qual o erro, qual a



barreira que impede o seu aprofundamento nesse amor tão essencial. Surge uma crise entre o que ele é e aquilo que deseja ser e ter, pois há algo a se renovar, a ser descontinuado e mudado. O missionário que ele já é, ele julga como ainda incompleto, pois alguém só pode vir a ser um missionário com “amor fervoroso por Cristo e zelo pelas almas”. Se para os “homens de negócio” o interesse é pelo dinheiro que se torna uma barreira ao apoio da fé, pelo não dito, o missionário também apresenta seu negócio que é amor por Cristo e cuidado pelas almas.

*Sinto e amo muito menos do que penso e obedeço. Minha religião é muito morta, minhas orações caem por terra, faltando-lhes o impulso do sentimento jubiloso e vivo. Por isso vou implorar a Deus. Vou buscar a renovação de minha vocação e a consciência de amar Aquele cuja palavra prego. (p. 137)*

A insistência no tema apresenta um comportamento naturalmente melancólico por parte do enunciador. Os marcadores “menos”; “morta”; “caem”; “faltando”, são claramente negativos e indicam o ar pessimista. Ele possui uma religião e uma vocação missionária (“minha religião”; “minha vocação”), porém há algo ainda a ser buscado, o qual ele afirma não perceber se de fato o possui. Todo seu ser precisa ter esta certeza, afinal, falta-lhe o “impulso do sentimento” bem como buscar “a consciência”.

A sua melancolia toma corpo como se pode ver:

*O requisito mais importante e mais difícil para o missionário é manter sua própria alma em sintonia com o trabalho do Mestre. Sinto que não progredi muito, e que esse pecado deve humilhar-me profundamente na presença de Deus. Entro, pois, no segundo ano com meu alvo definido – ter maior cuidado com minha vida interior, procurar a santidade e a inteira consagração a Cristo. Cada pecado, cada indulgência pecaminosa não é apenas um golpe contra minha própria alma, mas tende a destruir imediatamente meu sucesso e utilidade. Anoto-o como um alerta e compromisso solene a ser*

*mantido sempre à vista durante meu segundo ano de trabalhos missionários. (p. 143)*

*Este foi o primeiro ano que passei totalmente no Brasil. Quando o revejo, tenho a sensação de ter realizado pouco no desempenho de minha missão. [...] Em lugar de proclamar com satisfação meus avanços, estou disposto a lamentar os defeitos que ficaram. Pouco fiz no trabalho diretamente missionário. (p. 145)*

É o primeiro ano que o enunciador está na missão. Ele se identifica, mais uma vez como o missionário que está em seu campo. Ele deseja o progresso, o sucesso, o bom desempenho, assemelhando-se a um homem de negócios que deve organizar-se, estipulando metas a serem alcançadas. Nada estranho para quem vê o seu compromisso missionário como um trabalho a ser executado. Observemos, porém, que seu trabalho é identificado como os serviços de um escravo que se submete ao querer de um Mestre, que se humilha na presença dele. Quando avalia sua obra, sente que não conseguiu atingir o alvo e o lamenta. É o servo humilde que desponta em seu discurso, o qual sabe quais são os desejos do seu senhor, identifica-os no trabalho do missionário, mas que se enche de autocomiseração.

Se o “servo” tem uma missão a ser alcançada, e, ainda que momentaneamente, isso não é conseguido, a frustração é gerada:

*[...] fui mandado às multidões de nacionais ignorantes, e não terei descanso enquanto não lhes declarar minha mensagem. Carrego a pesada carga do sentimento de inutilidade. (p. 144)*

Estamos diante de um enunciador que se identifica como um “embaixador” que deve declarar a “mensagem” de alguém que o enviou. Nota-se, também, que ele é o “profeta” que tem diante de si a “multidão” que deve ouvir a sua voz, como a voz do seu próprio emissário. Ele deve obedecer ordens, pois foi “mandado” para

cumpri-las. O conhecimento é seu e a mensagem que o domina deve ser transmitida àqueles que a ignoram. Há algum obstáculo que não permite que a missão seja concluída. O discurso carrega-se, novamente, de melancolia, de tristeza, de sentimento de “inutilidade”.

### 3.2.3. Cena

O relato religioso está inserido em um contexto sócio-cultural. Simonton, ao chegar como missionário presbiteriano no Brasil, não encontra um campo totalmente alheio ao contato com o protestantismo. Como já registramos no capítulo deste trabalho que trata sobre a sua vida, o país já contava com cristãos protestantes em seu meio. Trazemos novamente Robert Kalley, que foi um missionário inglês com quem Simonton teve grande proximidade e com quem pode compartilhar sobre seu papel como missionário. Em um dos diálogos podemos ver essa imagem do enunciador:

*Tive uma conversa com o Dr. Kalley. Ele acha a missão oportuna, e missionários americanos os mais convenientes para levá-la a efeito porque seu ministro e cônsul poderão dar-lhes proteção, ao passo que os ingleses não o fariam. Insiste em que eu me mova em segredo [...]. Não posso concordar com ele neste ponto [...]. Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos; portanto minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa. O futuro não pode ser previsto; portanto, busco a orientação da sabedoria infinita e em tudo me submeto à sua direção. Sinto-me encorajado pelo aspecto das coisas e esperançoso quanto ao futuro. Existem indicações de que um caminho está sendo aberto aqui para o Evangelho (p. 127)*

Conforme vimos no capítulo anterior, o Brasil gozava da abertura para os cultos de fiéis protestantes, desde que com restrições específicas. O enunciador apresenta um discurso inserido nesta realidade. Seu companheiro quer o segredo, a

discrição no trabalho realizado, mas Simonton não pôde aceitar tal sugestão. Ele se impõe, deseja ser conhecido juntamente com seu objetivo (“minha presença e meus objetivos não podem ficar escondidos”). O missionário apresenta um perfil de um combatente corajoso, que não pode conhecer o futuro, mas que usará “todos os meios prudentes de defesa” durante a ação, que se sente “encorajado” e “esperançoso” com o que há de vir. Todo soldado precisa da orientação de alguém superior que indica a “direção”, e o enunciador age buscando-a, entendendo que um “caminho está sendo aberto” para sua tarefa.

Em outro recorte vemos a realidade cotidiana do missionário, lidando com o custo de vida e despesas alimentícias:

*Ontem fui à cidade buscar algumas coisas que estavam faltando em casa. [...] Vi e antecipei os aborrecimentos futuros de manter casa no Rio nas melhores circunstâncias; aborrecimentos que podem tornar-se alarmantes se os fundos forem mantidos em nível que, alhures, seria considerado razoável. [...] As dificuldades de morar no Rio são apenas um dos fardos da vida missionária aqui, que podem ser suportados pela graça de Deus. (p. 141)*

Estamos diante de um sujeito capaz de tomar suas decisões e suas ações. Os marcadores verbais “fui”; “buscar”; “vi” e “antecipei” denotam que ele tem o poder de se mover no meio em que está inserido, e obter aquilo do que está necessitado, planejar o futuro, antecipar os problemas antes que aconteçam. Ele se identifica com as dificuldades de morar na cidade do Rio de Janeiro, com seu alto custo de vida, que é apenas “um dos fardos da vida missionária”. Dificuldades que o missionário deve suportar com o que ele chama de “graça de Deus”, mas que podem ser mudados já que o registro sobre os “fundos” financeiros remetidos pelo

país natal é que “tornam-se alarmantes” – o não dito do enunciador é que estes valores devem ser alterados, pois no passado seriam razoáveis.

Em julho de 1860, com a notícia de uma tempestade que pegara desprevenidos o novo missionário enviado para auxiliá-lo, juntamente com a própria irmã de Simonton, ele registrou:

*É um dia negro para mim, amargo contraste com o que antecipava [...] com Blackford, meu colega escolhido, eu contava lançar as bases de um trabalho para a glória do Mestre. Com sua cooperação no trabalho missionário e Lille para nos dar o conforto do lar, esperava ser feliz e útil. (p. 142)*

Outra vez transparece a melancolia do missionário que se depara com um momento de revés. Notemos os adjetivos ligados aos seus respectivos substantivos: “dia negro”, “amargo contraste”. Há infelicidade em seu coração e sentimento presente de inutilidade (“esperava ser feliz e útil”). Um momento de tristeza, mas que deixa transparecer o *ethos* de dominador, de liderança por parte do enunciador. Outro estava vindo, mas o eu do discurso é quem o possui (“meu colega”), que iria “lançar as bases de um trabalho” onde o que chegaria seria “cooperador”. Adicione-se a visão sobre a mulher que viria, não para cooperar com a missão diretamente, mas “dar o conforto do lar”.

#### **3.2.4. Cenografia**

Na análise do *ethos* do missionário podemos verificar o aspecto cenográfico no discurso do enunciador.

Em um primeiro momento há um registro sobre o seu primeiro ano na missão:

*Ontem foi o aniversário de minha chegada ao Brasil. Faz apenas um ano que sou missionário. Isto me faz pensar, olhar para trás e verificar o que realizei. Não consigo ver nada muito lisongeiro [sic]. Estive só me preparando, e bastante devagar. Apesar da maior parte de meu tempo ter sido dedicado a aprender a língua, estou envergonhado do meu progresso. Consigo entender o português, mas meu uso da língua ainda é muito limitado. Sinto agora que preciso colocar-me logo em estreito contato com os que falam essa língua, para dominá-la. Mas a razão maior para me envergonhar é o pouco progresso que fiz no conhecimento de Cristo, meu Mestre. Sei que o pleno êxito de meu trabalho depende de aperfeiçoar esse conhecimento. (p. 143)*

O conjunto “eu, aqui e agora” pode ser visto aqui. Em sua essência ele é missionário (“sou missionário”), que comemora o primeiro ano de seu trabalho e especifica que o lugar é o Brasil. Além do recorrente problema com a língua local, surgem outros aspectos que permitem afirmar a falta de algo para que ele se sinta completamente missionário (o “ser” está ligado ao “fazer”). Ele tem que ser o senhor da ação, alguém que realiza algo. Preparar-se não é o ideal. Há um objetivo a ser alcançado a todo custo e o desejo de se impor através dele (marcadores “progresso”; “dominá-la”; “pleno êxito”).

Outro registro pode nos ajudar a interpretar a cenografia que apresenta um *ethos*:

*Tenho gozado mais paz, mais calma mental e certeza de estar no caminho do dever, e, portanto, felicidade mais verdadeira, do que em 1858 quando hesitante me debatia sobre o chamado para sair do país como missionário. Agradeço a Deus todos os caminhos por onde me levou e gostaria de estar exatamente onde estou, e em nenhum outro lugar, pois este é, creio, meu campo de trabalho. (p. 136)*

O enunciador apresenta o tempo e o lugar onde está. Ele demonstra uma capacidade de mudança e de analisar o caminho. Ele é o sujeito possuidor da sua felicidade (“tenho gozado mais paz, mais calma mental e certeza de estar no caminho do dever”), que pode determinar o que é melhor para si, já que existe a “certeza” e que “gostaria” (forma verbal no futuro do pretérito, que mostra possibilidade de escolha) de estar onde estava. A figura do explorador se revela, visto que ele passou por vários “caminhos”. Contudo, o tempo e o lugar é o campo missionário, é o presente onde a hesitação ficou para trás e, agora, se pode conviver com a convicção do chamado.

Podemos continuar a desenvolver seu *ethos* por outro registro cenográfico:

*Hoje sentei-me à mesa para uma refeição solitária (p. 141)*

O enunciador é o sujeito que conhece a sua situação. Ele está só. A refeição que é um momento em que se pode compartilhar da companhia de uma conversa íntima se transforma em um tempo de melancolia. Ainda, nota-se a apresentação de um homem ativo, que está na maior parte do tempo em pé: “hoje” é o momento em que ele pode sentar-se, o “ontem” era a ocasião de “estar em pé”. Se ele precisa de uma “refeição” sua fragilidade é vista e, com ela, há uma identificação com seu fiador.

Temos outro momento e lugar marcantes para delimitar o *ethos* do missionário:

*No domingo, dia 12, celebramos a Ceia do Senhor, recebendo por profissão de fé Henry E. Milford e Camilo Cardoso de Jesus. Assim*

*foi a nossa organização em igreja de Jesus Cristo no Brasil. Foi uma ocasião de alegria e prazer. Muito antes que minha pequena fé esperava, Deus permitiu-nos ver a colheita dos primeiros frutos de nossa missão. (p. 152)*

O momento é o domingo, dia em que os cristãos costumam se reunir. Ele se identifica com a comunidade, pois as ações são designadas pelo verbo na primeira pessoa do plural (“celebramos”), pelo pronome possessivo “nossa” e pelo pronome oblíquo “nos”. Não há um autoritarismo, mas a divisão dos “frutos” da missão que é igualmente compartilhada. Em contraste com os momentos de melancolia já vistos nos recortes apresentados anteriormente neste trabalho, o enunciador mostra que é apenas uma “ocasião” (um momento, e não algo constante) de alegria e prazer, pois, afinal, o objetivo da missão começa a ser alcançado, os “primeiros frutos” permitem a “organização em igreja”. Igreja que é identificada por uma posse específica através do uso da preposição “de”. Isto posto, ela pertence a Jesus Cristo e está em um lugar específico, chamado Brasil. Os frutos colhidos são humanizados e têm nome próprio, não são contados e meramente numerados, portanto, isso nos mostra um *ethos* humanitário, social e amoroso. Além disso, há uma idéia do *ethos* de um agricultor que colhe os primeiros frutos do seu trabalho.

A melancolia volta à tona, por ocasião do momento mais difícil na vida de Simonton, quando ele perde sua esposa, após complicações decorrentes de um parto. Ele registra nessa ocasião:

*Deus tenha piedade de mim agora, pois água profundas rolaram sobre mim. Helen está estendida em seu caixão na salinha de entrada. Deus a levou tão de repente que ando como quem sonha (p. 164)*



Ele é o centro da dor e clama pela piedade de Deus (“piedade de mim”; “rolaram sobre mim”). Ele mostra seu *ethos* de humanidade, de alguém que, como todos os demais homens, se surpreende e se decepciona com a dor e a perda de um ser amado que deveria ser o seu esteio, aquela com quem, em outras ocasiões, ele sonhava. A intertextualidade é presente aqui no uso do trecho de um Salmo conhecido como “messiânico”, no qual vemos, portanto, a identificação da dor do enunciador com a dor do Cristo a quem ele serve:

Salva-me, ó Deus, porque as águas me sobem até à alma. Estou atolado em profundo lamaçal, que não dá pé; estou nas profundezas das águas, e a corrente me submerge. Estou cansado de clamar, secou-se-me a garganta; os meus olhos desfalecem de tanto esperar por meu Deus. São mais que os cabelos de minha cabeça os que, sem razão, me odeiam; são poderosos os meus destruidores, os que com falsos motivos são meus inimigos; por isso, tenho de restituir o que não furtei. Tu, ó Deus, bem conheces a minha estultice, e as minhas culpas não te são ocultas. Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti, ó SENHOR, Deus dos Exércitos; nem por minha causa sofram vexame os que te buscam, ó Deus de Israel. Pois tenho suportado afrontas por amor de ti, e o rosto se me encobre de vexame. Tornei-me estranho a meus irmãos e desconhecido aos filhos de minha mãe. Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim. Chorei, em jejum está a minha alma, e isso mesmo se me tornou em afrontas. Pus um pano de saco por veste e me tornei objeto de escárnio para eles. Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam, e sou motivo para cantigas de beberrões. Quanto a mim, porém, SENHOR, faço a ti, em tempo favorável, a minha oração. Responde-me, ó Deus, pela riqueza da tua graça; pela tua fidelidade em socorrer, livra-me do tremedal, para que não me afunde; seja eu salvo dos que me odeiam e das profundezas das águas. Não me arraste a corrente das águas, nem me trague a voragem, nem se feche sobre mim a boca do poço. (Livro de Salmos, capítulo 69, versículos 1-15, In: A BIBLIA SAGRADA, TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, 2ª edição)

A afirmação da morte mostra a surpresa de um enunciador que não é onipotente e que não pode controlar a vida e a morte da mulher amada. A mistura de sentimentos surge quando o missionário afirma “Deus a levou” mostrando o *ethos* de fé, ou seja, da certeza de que a amada se foi para um lugar melhor e, ao mesmo

tempo, ele utiliza o termo “sonho” não em sentido literal, mas que contém um significado de “pesadelo”. A intertextualidade aparece mais uma vez com o uso às avessas do texto bíblico: “Quando o SENHOR restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha” (Livro de Salmos capítulo 126, versículo 1, IBIDEM). Enquanto no Salmo o espírito é de alegria e exaltação pela restauração do povo e devolução de sua origem, no Diário o enunciador “sonha” porque não consegue aceitar a perda, e não consegue se conformar que lhe foi tirado aquilo que era mais precioso.

Tendo analisado o *ethos* do enunciador em seu contato com o campo missionário, em sua visão abolicionista, e, finalmente, como missionário, nos dirigiremos às considerações finais deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs a identificação do *ethos* através de uma análise da *corporalidade*, *comportamento* e *caráter*, incluindo a cena e a cenografia, no discurso do Diário de Simonton. Ainda que diante de uma análise limitada, pois apontamos apenas alguns recortes do corpus, usando alguns elementos que identificam o *ethos*, cremos ter alcançado o objetivo traçado, ao olhar para o enunciador em seu contato com o campo missionário em que atuou. Nos depararmos, em seguida, com sua opinião abolicionista em um país escravocrata e, ainda, verificamos o seu *ethos* missionário propriamente dito.

Um *ethos* é estabelecido e pode ser delimitado a partir dos principais traços: seu perfil psicológico, em que podemos destacar a freqüente melancolia de um homem que deixa para trás sua nação, sua cultura, sua língua, mas, principalmente, no que diz respeito à sua constante solidão e desejo de ter uma “esposa verdadeira, uma companheira e ajudadora em toda boa obra”, ao passo que, quando consegue, ela lhe é tirada de maneira tão dolorosa e marcante, aprofundando ainda mais a sua melancolia e colaborando com sua morte prematura. Diante disso, talvez possamos traçar um *ethos* de identificação com Cristo que chama o missionário a se tornar com ele um “servo sofredor” ou um “profeta” que deve sofrer para cumprir sua missão.

Todavia, mesmo diante da melancolia, ele enfrenta os desafios. O *ethos* de “empreendedor” se destaca, pois os entraves para a sua missão são superados, mais especificamente, o aprendizado do idioma do país (português). Em seu movimento no campo missionário, em um Brasil em que os portos estão abertos e

não só brasileiros, mas estrangeiros como ingleses e americanos são encontrados, ele demonstra sua “diplomacia”, a capacidade de contato com todos, mesmo com línguas e culturas tão diferentes. Mas, sua principal preocupação, é o povo brasileiro e o coração deles a ponto de não entender o objetivo dos homens de negócio – que seria o dinheiro – ao passo que ele mesmo se preocupa com as pessoas. Esse é o seu dever – e é o que importa – que aponta para um *ethos* de obstinação no qual a essência de ser missionário depende da ação de cumprir a sua missão. Sua capacidade de analisar e adjetivar as belezas naturais no seu campo de trabalho aqui no Brasil mostram um *ethos* de “simpatia” do qual o fiador se apropria. Ao mesmo tempo, a análise da situação política e social por onde ele passa, apresentam um *ethos* de sociólogo e de um reformador, incapaz de se conformar com o erro que identifica na nação. Ainda, mais importante é o *ethos* “abolicionista” que não teme em se expressar, ainda que o povo ao qual ele se dirige seja majoritariamente a favor do mal da escravatura que o enunciador demoniza. Estamos diante de um homem inovador que é capaz de receber, nesse contexto mencionado, um negro entre os membros de sua comunidade cristã.

Contudo, ele é um homem de seu tempo, e não é possível ser completamente alheio às influências da cultura em que vive, expressando isso de maneira clara através de seu discurso. Assim, em dado momento, quando descreve homens, eles não são simplesmente homens iguais, mas um deles é “negro”. A mulher que vem auxiliar na missão não é importante na ajuda da pregação e ensino da Bíblia ao povo, ela é importante porque é ajudadora e esposa.

Lamenta-se o fato de que praticamente nenhum registro possa permitir delimitar um *ethos* de corporalidade ao enunciador. A explicação pode se achar no desejo do missionário atingir seu grande objetivo – alcançar o povo a quem ele dirige sua mensagem evangelística – o que não possibilita preocupar-se consigo mesmo, confirmando assim o fato latente na mente de outros grandes missionários da história cristã, dos quais podemos destacar o apóstolo Paulo que afirma:

“Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (Livro de Atos dos Apóstolos, capítulos 20, versículo 24, In: A BÍBLIA SAGRADA, TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, 2ª edição).

Ao contrário do que se poderia pensar, no contexto cristão, a legitimação do discurso surge pela confirmação do *ethos* prévio presente, no qual não se espera líderes – em nosso caso específico, um missionário – absolutamente perfeitos, onde apenas o sucesso, as vitórias e o orgulho próprio são registrados. Pelo contrário, é nas limitações de um enunciador e na necessidade que ele revela em lutas, dissabores, tristezas e frustrações com os quais o enunciatário (público cristão) se identifica, que o *ethos* se confirma.

Em suma, é a reafirmação do texto Bíblico que diz: “Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.” (2 Carta de Paulo aos Coríntios capítulo 2, versículo 9, In: A Bíblia Sagrada, IBIDEM). É válido mencionar que no gênero diário essa legitimação pode se dar de maneira ainda mais profunda, pois ali, sem ressalvas ou temores, o enunciador transparece quem é.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. (1993). Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil, 2. ed. São Paulo; Sociedade Bíblica do Brasil

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de Si Mesmo no Discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, s/data de publicação.

CARLOS, Ana Maria e ESTEVES, Antonio R. (orgs.). *Narrativas do Eu: a memória através da escrita*. Assis: Unesp Publicações, 2009.

CERNI, Ricardo. *Historia del Protestantismo*. Edinburgh: El Standarte de la Verdad, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. Série Princípios.16. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FERREIRA, João C. L. *A influência da literatura ensaística no Diário de um missionário norte-americano no Brasil*.

Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/750-a-influ%C3%Aancia-da-literatura-ensa%C3%ADstica-no-di%C3%A1rio-de-um-mission%C3%A1rio-norte-americano-no-brasil.html>>. Acesso em: 18/ mai. 2011.

FERREIRA, Julio A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 2 v.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 11 ed. São Paulo: Vozes, 2003.

GUIMARÃES, Elisa (Org.). *Texto e Discurso: confluências*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, Discurso e Ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.  
LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes e Editora da Unicamp, 1997

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos Chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2000.

MATOS, Alderi S. *História do Presbiterianismo* Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/portal/historia/74-historiadopresbiterianismo>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

MATOS, Alderi S. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MAZIÈRE, Francine. *A Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.) *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo, Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981.

SIMONTON, Ashbel G. *O Diário de Simonton (1852-1866)*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

**ANEXO****OS MEIOS NECESSÁRIOS E PRÓPRIOS PARA PLANTAR  
O REINO DE JESUS CRISTO NO BRASIL \***

*Lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro  
no dia 16 de julho de 1867*

*por A. G. Simonton*

O fim a que nos propomos é vasto e importante, além do que podemos conceber. Todavia ele é simples e muito bem definido. Pretendemos tornar conhecido o Evangelho e trazer o povo do Brasil a submeter-se a Jesus como seu único Salvador e Rei. Em outras palavras, temos em vista evangelizar no Brasil a paz que é o fruto da paixão, morte e intercessão de Jesus Cristo, a fim do [sic] que todos os seus habitantes venham a crer nele para a salvação.

Pode-se olhar este trabalho pelo seu lado *humano* e também pelo seu lado *divino*. É até necessário considerarmos todo o trabalho feito neste sentido como em parte trabalho nosso, em parte trabalho feito por Deus. O Evangelho que pregamos é uma revelação divina. É da palavra de Deus que tiramos todo o material para nossas pregações. Mas ainda a força eficaz para obrar a conversão dos que ouvem vem do Espírito de Deus.

Quando se trata da regeneração da alma, Deus é tudo e o homem não é nada.

Mas igualmente é absoluta a necessidade do concurso dos homens para que qualquer indivíduo ou nação se converta. “Vós sois o sal da terra”. “Vós sois a luz do mundo”. “Assim como o Pai me enviou a mim, assim eu vos enviei a vós.” Por estas outras passagens iguais, Nosso Senhor declara a necessidade de esforços humanos para que a conversão do mundo seja realizada.

---

\* O presente trabalho encontra-se em manuscrito na caligrafia do Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalho, encadernado com *Relatórios ao Presbitério do Rio de Janeiro*, no Arquivo Presbiteriano. A ortografia foi atualizada.



Assim o lavrador da terra tem de distinguir entre a parte que a Deus cabe, e a que cabe a si mesmo. Ele vira a terra, a planta e a cultiva, mas as propriedades da terra que a fazem produzir como também a chuva e o sol que concorrerem para isso vêm de Deus. O homem trabalha, Deus o abençoa e a seu tempo se colhem os frutos da terra.

Disto vemos que é bom distinguir o lado humano de qualquer trabalho do seu lado divino tanto em relação às causas deste mundo como às do reino de Cristo.

Tenho agora em vista indicar os meios próprios para a conversão do Brasil. Deixando de parte, por enquanto, a menção particular do modo por que Deus opera, quero falar nos meios que Deus tem posto ao alcance de sua igreja e pelo uso dos quais nos somos responsáveis perante o seu tribunal. Demos toda a atenção a este assunto, pois é muito certo que toda a dúvida sobre os resultados desta tentativa para a propagação do Evangelho limita-se ao uso dos meios da nossa parte. Deus não há de falhar nas suas promessas. A sua mão não é abreviada para não poder salvar.

Ocupando-me pois dos meios adequados à conversão das almas que em torno de nós morrem à míngua do alimento, luz e forças espirituais, é evidente a necessidade da *pregação do Evangelho*. Até seria fácil resumir tudo quanto se pode avançar em relação à propagação da fé verdadeira, à pregação do Evangelho.

Em primeiro lugar, a boa e santa vida de todo crente é uma pregação do Evangelho; esta é a mais eficaz. Na falta desta pregação os demais meios empregados não hão de ser bem sucedidos. Os crentes são o sal da terra. A influência do seu exemplo se propaga constantemente e torna-se irresistível. A um argumento por melhor que seja, pode-se ao menos responder com um sofisma. Toda pregação feita por palavras, quer pronunciadas do púlpito quer impressas em uma folha ou livro, pode ser rebatida por outras palavras. Mas uma vida santa não tem réplica. A experiência de todos os tempos prova que o progresso do Evangelho depende especialmente da conduta e vida dos que são professos. Há certas árvores que não dão frutos mas sempre morrem da mesma maneira. A podridão aparece sempre primeiro no tronco e dali se estende lentamente para toda a parte até que a árvore não podendo mais sustentar-se, cai por terra. É assim que qualquer igreja definha e morre. O primeiro mau sinal é o arrefecimento do zelo de seus membros e

a falta dessa pregação do Evangelho que se faz por meio de uma vida irrepreensível e santa.

Nós que temos a nosso cargo pregar o Evangelho do púlpito corremos o risco a este respeito. Debalde esperaremos colher frutos dos nossos trabalhos se as nossas palavras não forem reforçadas e confirmadas por uma vida santa. A obra da conversão do Brasil para o Evangelho muito depende do caráter dos ministros que tiverem de pregar em nome de Cristo. A não ser que estes sejam animados de um zelo puro e santo, ao contrário de nada aproveitará a sua pregação. Os que nos ouvem, meus irmãos, têm razão para exigirem que a nossa vida confirme aquilo que ensinamos aos outros.

Quanto aos membros das igrejas confiadas a nossa direção, devemos velar por sua conduta, admoestando e aconselhando a todos a que adornem a sua profissão por uma vida exemplar. Este dever requer paciência, mansidão e prudência a toda a prova, como também a coragem e o zelo que nascem de uma consciência do dever solene que temos de preencher.

Cuidemos pois primeiro que tudo na pregação do Evangelho por meio de uma vida santa, por meio da vigilância e oração, conservemos aceso o amor de Deus em nossos próprios corações a fim de que possamos ser bem sucedidos em nossos esforços para o bem dos que nos têm por seus pastores.

Outro meio de pregar o Evangelho é a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos. Desse modo, pode-se dar notícias de Jesus a muitos que não querem assistir ao culto público. Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia.

Há diversos crentes ocupados neste serviço. São merecedores da nossa estima como cooperadores. Devemos animá-los em seus trabalhos com nossos conselhos e orações constantes. Porém todo crente deve ser induzido a fazer alguma coisa neste sentido. O Cristão evangélico que do princípio do ano até o fim não espalha nenhum livro ou folheto nem folha, não têm convicção do seu dever.

Olhando o futuro, temos aqui um vasto campo a percorrer. Há sensível falta de bons livros; atualmente não existem. É preciso que sejam feitos e depois de feitos, distribuídos e vendidos.

Outro meio de pregar o Evangelho ao alcance de todo o crente é conversando com seus amigos, conhecidos e vizinhos e trazendo-os ao culto público. Quando se lança uma pedra em qualquer lago cujas águas não têm movimento, vê-se formar um círculo onde ela caiu; este círculo vai-se estendendo cada vez mais até que o movimento que resultou do embate da pedra na água perde-se sobre a praia.

É assim que o Evangelho se propaga. Cada crente deve comunicar ao vizinho ou próximo aquilo que recebe até que toda a sociedade seja transformada.

Cuidar que toda a obra da conversão das almas fique a cargo dos ministros do Evangelho a isto particularmente consagrados é um dos muitos prejuízos que devemos combater com todas as nossas forças. Os cristãos primitivos não pensaram deste modo. Cada um se esforçou para a propagação das boas novas da salvação. Cada um tomou por modelo o apóstolo André, o qual apenas encontrou a Jesus e o reconheceu pelo Salvador esperado, foi dizer a seu irmão Simão: “Nós temos achado o Messias”. Simão foi levado a Jesus e também creu nele.

Exortemos aos crentes a que imitem este belo exemplo. Cada um procure a seu irmão a fim de trazê-lo a Jesus. Cada um por meio de suas conversas, orações e instâncias faça o possível para o aumento do número dos servos de Deus. Existem já bastante crentes, para que seus esforços unidos tenham grande importância. Devemos estimular e dirigir estes esforços de maneira que sejam mais profícuos orando a Deus para que dê a todos os crentes os mesmos sentimentos e uma só vontade no seu serviço.

Mas convém que se faça menção particular da pregação do Evangelho por pessoas para isso designadas e ordenadas. O Evangelho mesmo ordena que este ministério seja confiado a pessoas de reconhecida aptidão e piedade, as quais não devem se ocupar em outra coisa. Embora os membros de qualquer igreja sejam zelosos no cumprimento dos seus deveres, não podem dispensar os serviços de um Pastor bem instruído nas Escrituras e apto para ensinar publicamente. Estes requisitos nem todos os crentes os têm. Este ministério requer estudo que poucos têm. Mais ainda, requer prudência e abnegação e zelo que Deus só dá aos que vivem em sua santa comunhão por meio de vigilância e oração constante.

À vista da extensão do Brasil e das circunstâncias em que a igreja evangélica se acha, como se há de achar ministros em número suficiente para que em toda a parte haja quem reparta o pão da vida eterna? É questão grave e difícil.

Porém, abrindo o Evangelho mesmo, deparamos com um verso cuja leitura faz-nos desvanecer todas as dúvidas a este respeito e nos indica a responsabilidade que nos cabe. Jesus Cristo disse a seus discípulos: “Rogai ao Senhor da Seara para que mande obreiros”. O campo que cultivamos é do Senhor.

Nisto temos uma garantia sólida. Compete ao Senhor mandar os obreiros. Aqui temos outra garantia. A responsabilidade dos servos de Jesus não passa do emprego de certos meios apontados. A oração é particularmente mencionada como meio próprio a fim de que esta terra extensa, já branquejando próxima à ceifa, seja segada enquanto for tempo.

É dever nosso não só orar neste sentido, mas instar com os membros de todas as igrejas debaixo do governo no nosso Presbitério para que se lembrem de pedir ao Senhor a graça de mandar ele mesmo obreiros para sua seara.

Para Deus nada é impossível. Ele sempre acha os instrumentos de que carece. Se ele os quer de longe, não lhe faltará meios para trazê-los. Se ele os quer achar perto, a seu tempo fará ver os seus escolhidos. Ele é capaz de fazer sair da boca de crianças um louvor perfeito, ou se nem estas querem bendizer o Senhor fará com que clamem as mesmas pedras.

Porém a escolha e a vocação de Deus não tornam desnecessários os nossos esforços. Se estes obreiros vêm de países estrangeiros são obrigados a aprender uma nova língua e acostumar-se aos usos de uma nova terra. Este fato de per si faz crer que a maior parte dos obreiros no Brasil tem de ser do país.

Toda a experiência prova que Deus não vai longe em procura de seus instrumentos. Se não os acha já prontos a sua mão, ele os cria.

Mas ele os cria conforme um plano sabido e já executado em muitas partes do mundo. Pela pregação do Evangelho chama os seus escolhidos. Por seu Espírito os ilumina e regenera e converte. Mas isto não é tudo. Nem todo cristão zeloso é apto para ensinar a seus semelhantes da cadeira evangélica. Por mais forte que seja a vontade de anunciar as boas novas de salvação a todo o mundo, sem estudos e a prática de falar, não pode fazê-lo com bom êxito. Não há dúvida, Deus pode por meio de dons extraordinários converter pescadores em Apóstolos sem intervenção de escolas nem livros. Aqui não se trata do poder de Deus. Sabemos que para o Senhor nada é impossível. A nossa tarefa se limita ao estudo do plano que ele de fato se digna seguir na escolha e preparação de seus instrumentos. A conclusão a

que chegamos é que na falta dos dons extraordinários tais como o dom das línguas e o da inspiração divina é forçoso haver escolas, livros e mestres. Aqueles que mostrarem alguma vontade e aptidão para serem ministros da palavra de Deus, deverão ser provados e desenvolvidos por estudos próprios para este fim.

Neste século importa que os ministros de Cristo sejam instruídos não só nas doutrinas da salvação, mas também nas ciências, a fim de que sejam capazes de dar uma razão de sua fé em resposta aos que contradisserem a verdade. Todo o conhecimento é útil para o pregador do Evangelho, e quanto é possível, devemos esforçarmo-nos para não ficar aquém dos que nos rodeiam. São Paulo foi instruído em todos os conhecimentos de sua época. A ele coube o dever de explicar com maior perfeição os grandes dogmas da fé de Cristo. Em todos os séculos os servos mais influentes e mais úteis tinham além dos dotes superiores da inteligência estudos profundos e longos.

Outro meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil é o estabelecimento de escolas para os filhos de seus membros. Em outros países é reconhecida a superioridade intelectual e moral da população que procura as igrejas evangélicas. O Evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva a fazer maiores esforços para avantajá-lo na senda do progresso. Se assim não suceder entre nós a culpa será nossa. Se a nova geração não for superior à atual não teremos preenchido nosso dever.

É de confessar que a educação há de encontrar grandes obstáculos provenientes de muitas causas. Muitos pais são descuidados a este respeito, nem querem fazer os sacrifícios precisos para educarem seus filhos. Estes da sua parte não estando acostumados a obedecerem a seus pais não gostam do regime de uma escola bem dirigida. Os costumes do país e a falta de confiança e moralidade não permitem que uma escola central seja frequentada por todos como sucede nos Estados Unidos. Faltam professores e professoras com a prática necessária para bem desempenharem esta missão e o governo ainda não admite a instrução livre. Mas é necessário não cedermos a nenhum obstáculo. Embora não seja possível desde já fazer o que se quer, devemos ter sempre em vista como alvo a instrução e educação da nova geração. Sendo este meio indispensável temos razão em esperar que Deus nos deparará os meios de atingi-lo.

Terminando esta indicação dos meios próprios para plantar o Reino de Cristo no Brasil, não posso deixar de acrescentar mais outra consideração.

O resultado do emprego destes meios, como também as forças precisas, dependem de Deus. Ficarmos no emprego dos meios sem pedir a Deus que opere por eles e com eles seria um erro fatal.

Nada devemos empreender sem suplicar a Deus que envie do alto o seu Espírito para assegurar-nos êxito. Por conseguinte, a oração é a condição indispensável a fim de que possamos sair bem da empresa aqui encetada. A oração do justo, sendo fervorosa, pode muito. Se Deus é por nós, quem será contra nós?

O meio de nos assegurar da presença de Deus é a oração.

Vigiemos, oremos e trabalhemos, e Deus velará por nós e por sua igreja.